



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

TAIANÁ PAIM KRETZER

**DA PEDOFILIA À REALEZA:
O CASO MICHAEL JACKSON**

Palhoça
2010

TAIANÁ PAIM KRETZER

**DA PEDOFILIA À REALEZA:
O CASO MICHAEL JACKSON**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.

Orientador: Prof.^a Msc.^a Helena Iracy Cerquiz Santos Neto

Palhoça

2010

TAIANÁ PAIM KRETZER

**DA PEDOFILIA À REALEZA:
O CASO MICHAEL JACKSON**

Esta monografia foi julgada adequada à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo e aprovada em sua forma final pelo Curso de Graduação em Comunicação Social da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 01 de dezembro de 2010.

Professora e orientadora Helena Iracy Cerquiz Santos Neto, Mestre.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Jaci Gonçalves, Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Solange Leda Gallo, Dra.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Aos meus pais, por todos os ensinamentos, apoio e compreensão, prestados em diversos momentos desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Para conseguirmos alcançar nossos objetivos, precisamos de apoio. Hoje, um momento no qual mais uma etapa de vida vai se encerrando é necessário, além da leitura de livros, a leitura de personagens. Muitas vezes andamos e não percebemos a importância das pessoas que estão ao nosso lado. São seres que se encaixam tão perfeitamente em nossos dias que parecem personagens colocados ao nosso redor, para trazer luz, apoio, segurança e amor.

Neste espaço gostaria de agradecer cada minuto de trabalho que meus pais, Jairo José Kretzer e Neila Rita Paim Kretzer, mesmo estando longe dedicaram a minha formação e a minha vida profissional. Ao meu irmão Tales, pelo cuidado e preocupação na percepção dos momentos mais difíceis. E a minha irmã Taciana Ludimilla, que por assumir uma posição fiel e dedicar-se tanto a minha vida, acaba sendo meu ponto de apoio e confiança em todos os momentos. Quero agradecer também a amizade de Sarah de Liz que durante este semestre me incentivou muito e a Elton Benício por todo o apoio e alegria que dedicou a mim.

Ter pessoas que façam nos sentir amados e confiante de que tudo dará certo é fundamental para ultrapassarmos cada etapa de nossas vidas, inclusive a vida acadêmica. Mas além de amor precisamos de profissionais qualificados nos dando apoio. Por esse motivo, gostaria de agradecer também a professora Helena Iracy Cerquiz Santos Neto que mais do que orientar este trabalho, ajudou a superar cada obstáculo com incentivo e palavras de otimismo.

Por toda dedicação ao longo dessa trajetória presto meu agradecimento, à professora Daniela Germann, e à professora Rozane de Albuquerque Porto, por seus ensinamentos, paciência e atenção. E por fim fica o meu agradecimento a todas as pessoas que sempre estiveram ao meu lado mesmo nos momentos mais difíceis, e que de alguma forma contribuíram para que esta pesquisa fosse possível.

Agora são só fragmentos, pedaços de uma história. Trechos lindos ficam na memória. É a música que marca momentos. Alegrias e tristezas fazem a vida do cantor, feitos inéditos, proezas de quem canta com amor. Chega calado, solta a garganta. Deixa a timidez de lado e o público se levanta. O ídolo não morreu, é uma informação oficial, continuará sempre cantando, pois já é imortal. (Taianá Paim Kretzer).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	CAMINHOS DO DISCURSO	10
2.1	CONCEITO DE ANÁLISE DO DISCURSO	10
2.2	CONSTRUÇÃO DO SUJEITO E DO SENTIDO	13
2.3	FORMAÇÃO DISCURSIVA	16
2.4	PRÉ-CONSTRUÍDO E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	18
2.5	HETEROGENEIDADE	19
2.6	SILENCIAMENTO DE SENTIDOS	21
2.7	O DISCURSO JORNALÍSTICO	25
3	A MORTE DE UM ÍDOLO	28
3.1	CRIANÇA E ADOLESCENTE PERANTE A MORTE	30
3.2	VIDA ADULTA E VELHICE PERANTE A MORTE	33
3.3	A MORTE E O SENTIMENTO DO ENLUTADO	34
3.4	FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA	38
4	ANÁLISE	46
4.1	CORPUS	46
4.2	RECORTE	47
4.3	SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS	48
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
	REFERÊNCIAS	66
	ANEXOS	69
	ANEXO A – ONDE ESTÁ MICHAEL	70
	ANEXO B – A VIDA COMO ELA É	73
	ANEXO C – NOTA	76
	ANEXO D – NO CIRCO DAS APARÊNCIAS	78
	ANEXO E – GRANDE REPORTAGEM	80
	ANEXO F – MEMÓRIA	91

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a textualidade discursiva da revista *Veja* no ano de 1993 e 1994, após Michael Jackson ser acusado de molestar sexualmente um menino de 13 anos e também no ano de 2009, quando o cantor pop faleceu, para sabermos se após a morte de Michael Jackson silenciaram-se os aspectos negativos relacionados à pedofilia, para como esperado socialmente, torná-lo herói.

É utilizado como método para esta análise referenciais teóricos da Análise do Discurso. Buscar-se-á analisar quais as heterogeneidades presentes, formações discursivas e pré-construído. Outros focos serão: o silenciamento e a busca pelo efeito de sentidos em relação à pedofilia e a re-significação de sua imagem após a morte do cantor.

O interesse pelo tema teve início após a morte de Michael Jackson, quando pudemos perceber a dificuldade da imprensa em relatar com a mesma intensidade fatos positivos e negativos da vida do ídolo pós-moderno. Segundo Melo (1986, p.99) “[...] do ponto de vista jornalístico, a fidedignidade dos fatos deixou de ser o referencial para a discussão de notícias. Acontecimentos passaram a ser forjados ou artificialmente gerados, para criar reportagens sensacionais”.

Sabendo-se da complexidade de retratar a verdade fiel dos acontecimentos que envolvem o nome de alguém que está morto, o que vai contra a teoria do espelho. Para esta teoria, segundo Traquina (2001, p.65), “as notícias são como são, porque a realidade assim o determina”, faremos um estudo através da análise do discurso para podermos pesquisar a fundo e verificar a existência ou não de uma possível mudança no discurso, verificando desta forma se realmente há uma mudança nos caminhos da notícia.

Frente à falta de material acadêmico em relação ao discurso pós-morte de Michael Jackson percebemos a necessidade de mais pesquisas em relação às mudanças na textualidade discursiva nos meios de comunicação. Devido ao fato de não podermos abranger todos esses meios existentes, buscamos utilizar como veículo, a Revista *Veja* por sua abrangência e por ser uma das mais lidas do país. A

Veja possui uma tiragem semanal de 1,2 milhões de exemplares e trata de assuntos do cotidiano como política, economia, tecnologia, cultura e ecologia.

Esta pesquisa está exposta em três capítulos, sendo que o primeiro refere-se à introdução, problema, justificativa, hipótese e objetivos. O segundo capítulo trata o caminho do discurso, a análise do discurso, compreendendo como sub-capítulos, o conceito de análise do discurso, a construção do sujeito e do sentido, a formação discursiva, o pré-construído e condições de produção, a heterogeneidade, o silenciamento de sentidos, e por fim, o discurso jornalístico. Desta forma, nos sub-capítulos apresentados em caminhos do discurso, serão abordados pressupostos a respeito do tema pesquisado.

Já o terceiro capítulo aborda questões teóricas sobre o estudo da morte e o luto da sociedade perante a morte de alguém. Embora a morte seja um assunto um pouco desagradável para muitos, esse capítulo mostrará que entrelaçamos vida e morte e que ela está presente no cotidiano de crianças, adolescentes, adultos e idosos. O capítulo três pretende aproximar-se melhor da realidade dos processos do falecer, pois estes são fundamentais no resultado desta pesquisa que trama história da morte, sentimentos, luto, análise do discurso, fragmentos da história de um ídolo e comunicação social.

A correria do dia a dia, a falta de tempo e aprofundamento de informações faz com que muitos indivíduos apenas absorvam idéias. O não questionamento e a ausência de diálogo do leitor com a notícia, ao longo do tempo, acabam prejudicando o resultado final na conclusão de determinados assuntos.

A leitura foi se transformando com o passar dos anos. Há algum tempo lia-se com mais calma, digeriria-se os assuntos e tinha-se mais tempo para entender conteúdos. Com o passar dos anos, o universo eletrônico trouxe um imenso volume de informações e talvez esse volume seja o responsável por colaborar com algumas mudanças dentro de nossa cultura.

Nesse quadro, a cultura feita em série, industrialmente, para o grande número – passa a ser vista não como instrumento de livre expressão, crítica e conhecimento, mas como produto trocável por dinheiro e que deve ser consumido como se consome qualquer outra coisa. (COELHO, 2000, p.11).

A partir do pensamento de que leitura é cultura e se consome como quem consome qualquer outra coisa a preocupação com o efeito das notícias perante a população, fez brotar a necessidade de uma investigação maior das notícias sobre o

caso Jordie Chandler e a morte de Michael Jackson. Assim poderemos verificar o “comportamento” da revista *Veja*, perante um caso de pedofilia e abuso sexual e também perante a morte.

Por isso, neste espaço, pretende-se buscar as teorias da análise do discurso para estudarmos as formas como se dão os caminhos das notícias. Será um momento onde se buscará ir contra qualquer tipo de “massificação”, ou seja: contribuiremos para o surgimento de questões, desfazendo o texto e eliminando o consumo sem análise. (COELHO, 2000).

Questionaremos os materiais através da compreensão dos sentidos gerados a partir dos objetos simbólicos. Para fugir da leitura sem oposição e argumentação partiremos para a Análise do Discurso, pois ela poderá nos ajudar a esmiuçar as reportagens e matérias selecionadas. Orlandi (2009, p.26) afirma que:

A Análise do discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo deve ser capaz de compreender.

Como objeto de estudos, usaremos materiais impressos que digam algo sobre a vida do cantor pop, Michael Jackson. Conhecido mundialmente por suas composições, pela maneira inconfundível de dançar, cantar e interpretar, o mito da música *Pop* carrega em sua história diversos escândalos, entre eles “O caso Jordie Chandler”, ocorrido em 1993. Nessa ocasião Michael Jackson foi acusado de abusar sexualmente de um menino de 13 anos. Mesmo o problema indo parar na justiça, um acordo milionário de mais de 20 milhões de dólares foi realizado fora dos tribunais. (TARAMBORRELLI, 2009).

Este foi o primeiro e mais marcante escândalo sexual envolvendo Michael Jackson. Dentro desse contexto será feita a Análise do discurso da cobertura da revista *Veja* durante o desenrolar do caso Jordie Chandler e após a morte do cantor. Para isso partiremos da corrente francesa do método de análise, tendo como principais autores Michel Pechêux e, no Brasil, Eni Orlandi.

2 CAMINHOS DO DISCURSO

Este capítulo divide-se em seis sub-capítulos, que estudam assuntos pertinentes quando se trata de analisar a textualidade discursiva referida. O primeiro sub-capítulo, faz menção ao conceito de análise do discurso, abordando seus propósitos e suas relações com a linguagem. O segundo refere-se à construção do sujeito e do sentido, tratando da interpelação dos indivíduos em sujeito através da ideologia e apresentando os esquecimentos.

O terceiro compõe-se por considerações sobre a formação discursiva que apresenta as formações ideológicas e a metáfora como parte dos estudos. O quarto, referente ao pré-construído e às condições de produção, aborda o discurso além das palavras e fala do imaginário junto com a significação. O quinto apresenta a heterogeneidade mostrando a marca do sujeito no texto considerando que este não é uma textura lógica e homogênea. E por fim, o sexto, faz alusão ao silenciamento de sentidos e expõe a importância do silêncio historicamente, politicamente e textualmente.

2.1 CONCEITO DE ANÁLISE DO DISCURSO

O que seria da vida sem a linguagem? É difícil imaginar, pois vivemos em um mundo onde tudo é movido pela relação básica dos atos da linguagem. A força de uma ideologia, o contexto histórico e o meio social em que cada um de nós habita, influenciam diretamente na maneira de nos colocarmos perante a qualquer informação. De acordo com esse pensamento, Pêcheux (1975 apud ORLANDI, 2009, p. 17), afirma:

Partindo da idéia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.

A este propósito, sabe-se que “O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização do subjetivo ao objetivo, o processo ao produto.” (ORLANDI, 2009, p. 22).

O discurso é a base das nossas relações humanas e por isso muitas vezes determina a maneira como cada cidadão irá se comportar. Os textos variam e as intenções se modificam. Seguindo esse pensamento, Rezende e Ramalho (2006, p.71) escrevem: “Um mesmo texto pode envolver diferentes discursos e a articulação da diferença entre eles pode realizar-se de muitas maneiras variando entre a cooperação e a competição.”

Ainda de acordo com os estudos de Rezende e Ramalho (2006, p. 71), existem diversos tipos de discurso.

As relações estabelecidas entre diferentes discursos podem ser de diversos tipos, a exemplo das relações estabelecidas entre pessoas – discursos podem complementar-se ou podem competir um com o outro, em relações de dominação –, porque os discursos constituem parte do recurso utilizado por atores sociais para se relacionarem, cooperando, competindo, dominando.

Sabendo-se que a língua, o discurso e a ideologia caminham juntos e geram sentidos, devemos entender que existem diversas maneiras de estudar a linguagem. Segundo estudos de Orlandi (2009) algumas delas são a lingüística, que se apega em sistema de signos e regras formais, e as normas de bem dizer, através da gramática.

Analisando as diversas formas de significar, alguns estudiosos deram origem à Análise de Discurso, um segmento do conhecimento que trata a linguagem de maneira particular.

A Análise de discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2009, p. 15).

Os estudos de Orlandi (2009) nos mostram que a análise do discurso procura entender a língua, os sentidos, o simbólico, o social e a história, colocando o homem de um lado e o discurso de outro, esse estudo não se fixa apenas na

lingüística como uma língua fechada e nem nos estudos da história e da sociedade como duas pontas diferentes. Cada parte é analisada em um contexto no qual um enriquece o outro fazendo assim uma grande observação de todas as partes.

Devido a todo esse conjunto de partes individuais que unidas formam a análise do discurso (doravante AD), Orlandi (2009, p. 16) afirma que esse estudo “critica a prática das ciências sociais e a da lingüística, refletindo sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua.” A AD sempre busca observar a relação entre língua e ideologia.

Além de observar a relação entre língua e ideologia, segundo Orlandi (2009, p.22) a AD também relaciona língua e discurso:

Em seu quadro teórico, nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes lingüísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos.

A Análise do discurso, como seu próprio nome diz, tem por objetivo analisar, pesquisar, sair do lógico e do explícito. Orlandi (2009) alerta que discurso não se trata apenas de transmissão de informação, pois o funcionamento de sujeito e sentido afetados por língua e história formam um processo de construção de sujeitos e produção de sentidos e não somente transmissão de informações. “As relações de linguagem são relações de sujeito e de sentido e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: O discurso é efeito de sentidos entre locutores.” (ORLANDI, 2009, p. 21).

O texto é uma parte importantíssima do discurso, pois não são as palavras que significam e sim o conjunto que forma a textualidade. As palavras apenas traduzem alguma idéia se estão bem relacionadas no contexto onde se encontram. “É pensando a relação do texto com sua exterioridade que podemos pensar não a função do texto, mas seu funcionamento”. (ORLANDI, 2006, p. 22).

Não são as palavras que significam, mas o texto. Quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, é porque sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa. A palavra que significa é uma palavra textualizada. Por exemplo, se vemos um “O” sobre uma porta e um “A” sobre outra porta indicando o banheiro masculino e o banheiro feminino, não é a letra ou a palavra em si que estão significando, mas sua relação com as condições de produção em sua textualidade. (ORLANDI, 2006, p. 22).

Com esta citação fica claro que o texto não é um bloco fechado, pronto. Cada parte dele possui sua singularidade e sua particularidade. A análise do discurso é um palco onde se apresentam a palavra, a construção do sujeito e as formações discursivas. É o espetáculo no qual a ideologia comanda o abrir e o cerrar das cortinas.

2.2 CONSTRUÇÃO DO SUJEITO E DO SENTIDO

Segundo Orlandi (2006) devemos entender o que é a forma-sujeito para depois entender o que é o sujeito dentro da análise do discurso. E, é a partir daí que daremos o primeiro passo para entender a construção do sujeito e do sentido.

Segundo Althusser (1973), todo indivíduo humano, isto é, social só pode ser agente de uma prática se se revestir da forma-sujeito, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais. É examinando as propriedades discursivas da forma-sujeito que nos deparamos com o ego-imaginário, como sujeito do discurso. Este por sua vez se constitui pelo esquecimento do que o determina, pois é do funcionamento da ideologia em geral que resulta a interpelação dos indivíduos em sujeitos. (ALTHUSSER, 1973, apud ORLANDI, 2006, p. 18).

Sabemos que como diz Pecheux (1975), “não podemos pensar o sujeito como origem em si. Aí se estabelece o teatro da consciência segundo o qual o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, pelo simbólico”. Continuando com os estudos de Eni Orlandi, percebe-se que dessa maneira em que indivíduo é interpelado em sujeito cria-se uma forma-sujeito histórica. (ORLANDI, 2006, p.18).

Por lermos textos e conhecermos diversos tipos de discursos, sabemos que eles não são o espelho da realidade. Aí existe um autor, um sujeito:

Além disso, o discurso não tem como função constituir a ‘representação fiel de uma realidade, mas assegurar a permanência de uma certa representação’. Por isso há na gênese de todo o discurso, o projeto totalizante de um sujeito, projeto este que o converte em autor. Este projeto é o de ‘assegurar a coerência e a completude de uma representação’. O sujeito se constitui como autor ao construir o texto. (VIGNAUX, 1979, apud ORLANDI, 1996, p. 56).

Portanto, podemos entender que o sujeito toma sua forma de unidade sujeito a partir do lugar do autor. Orlandi (1996) também diz que “O autor é a unidade em que se constrói a unidade do sujeito. É onde se realiza o seu projeto totalizante”.

A análise do discurso também fala em esquecimento. Para Orlandi (2009, p.36), “ele é parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos”. Existem dois tipos de esquecimentos, o número um, chamado de ideológico e o número dois, da ordem da enunciação. O esquecimento número um:

[...] ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos, quando, na realidade retomamos sentidos pré-existentes. (ORLANDI, 2009, p.35).

Segundo Eni Orlandi (2009) esse esquecimento transparece a vontade humana de cada indivíduo ser o primeiro a falar as primeiras palavras, mas, o fato é que o processo do discurso já existe, basta nascermos para imediatamente fazermos parte dele. O discurso não se origina em nós, nós apenas materializamos a singularidade através da língua e da história e por isso existem os sujeitos e os sentidos.

Já o esquecimento número dois, “[...] o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro.” (ORLANDI, 2009, p.35). Para ficar mais claro, e entendermos melhor o esquecimento número dois, Orlandi (2009, p.35) nos traz um exemplo:

Ao falarmos ‘sem medo’, por exemplo, podíamos dizer ‘com coragem’, ou ‘livremente’ etc. Isso significa em nosso dizer e nem sempre temos consciência disso. Este “esquecimento” produz em nós a impressão da realidade do pensamento.

O esquecimento número dois, da ordem da enunciação nos faz perceber que a maior parte de nossos discursos já foi falado, são “erros” comuns, maneiras de se expressar através de textos já existentes. Talvez não possamos afirmar que é um erro, e sim um costume, uma não procura pelo diferente, um acomodamento.

Essa impressão, que é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim. Ela estabelece uma relação 'natural' entre palavra e coisa (ORLANDI, 2009, p.35).

Perante essas informações devemos também analisar que esse esquecimento “[...] é um esquecimento parcial, semi-consciente e muitas vezes voltamos sobre ele, recorremos a esta margem de famílias parafrásticas para melhor especificar o que dizemos.” (ORLANDI, 2009, p. 35).

Agora que já entendemos os esquecimentos e sabemos que “o autor é o lugar em que se constrói a unidade sujeito” (ORLANDI, 1996, p. 56), podemos reforçar que segundo Althusser, 1970, aí acontece a interpelação do indivíduo em sujeito.

Podemos observar, dessa forma, os efeitos da ideologia: ela produz a aparência da unidade sujeito e a da transparência do sentido. Estes efeitos, por sua vez, funcionam como “evidências” que, na realidade são produzidas pela ideologia. Tomá-los como uma realidade é ficar submerso na ideologia, na sua construção enquanto evidências. (ORLANDI, 1996, p 56).

Orlandi (1996), afirma que “[...] para exercer uma função crítica é preciso levar em conta dois fatos: a) o processo de constituição do sujeito; e b) a materialidade do sentido.” Por isso é importante observar todo o caminho da constituição do sentido e do sujeito. A autora compara essa observação com o “teatro da consciência” e diz que a unidade do discurso também pode ser vista como uma peça de teatro de dois atos. Um que trata da evidência do sujeito, e outro que fala da evidência do sentido.

A evidência do sentido, de sua parte, esconde seu caráter material, a historicidade de sua construção [...] A evidência do sujeito, ou melhor, sua identidade, esconde que esta resulta de uma identificação, que é o que constitui sua interpelação- que se dá pela ideologia- produz o sujeito sob a forma de sujeito de direito (jurídico) que, historicamente corresponde a forma-sujeito do capitalismo: sujeito ao mesmo tempo autônomo (e, logo, responsável) e determinado por condições externas. (ORLANDI, 1996, p.56).

Após entrarmos na construção do sujeito e do sentido, faz-se necessário sabermos um pouco mais sobre formação discursiva, e neste momento é para essa etapa que iremos partir.

2.3 FORMAÇÃO DISCURSIVA

Ter noção do que são as formações discursivas dentro da análise do discurso, é fundamental para darmos continuidade aos estudos e entendermos também o processo de produção dos sentidos. Ainda conforme Orlandi (2009, p.42) precisamos compreender que:

As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas 'tiram' seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

Além de mudarem de sentido conforme suas posições, Orlandi (2009) afirma que também podemos dizer que o sentido é determinado de acordo com as posições ideológicas das palavras dentro do processo sócio-histórico no qual elas são produzidas. Por isso devemos examinar cada ponto de um discurso e para que entendamos todo o processo das formações faz-se necessário saber:

A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada- determina o que pode e não pode ser dito. (ORLANDI, 2009, p. 43).

Como dito no início deste capítulo, tudo o que escrevemos ou pensamos possui nossa identidade, vivência social, carga histórica, enfim nossas experiências. Por isso cada ser humano se comporta de uma maneira, e a partir do instante em que se coloca no discurso de uma determinada forma e não de outra, vira sujeito e contribui para as diferentes formações discursivas.

As formações discursivas por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. (ORLANDI, 2009, p. 43).

Entre as palavras existe comunicação e essa comunicação faz parte do discurso. Qualquer discurso tem o poder de ressaltar determinados dizeres que se alojam na memória. As formações discursivas são vistas também como

regionalizações do interdiscurso, que traz dizeres e determina pelo já dito o que constitui uma formação discursiva em relação à outra. (ORLANDI, 2009).

Os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua. Dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas. No entanto, é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações. (ORLANDI, 2009, p.44).

O que também é importantíssimo sabermos é que a metáfora é mais um “objeto” que está entranhado na análise do discurso, ela é “[...] aqui definida como a tomada de uma palavra por outra. Na análise de discurso, ela significa basicamente ‘transferência’, estabelecendo o modo como as palavras significam.” (ORLANDI, 2009, p. 44). Ainda de acordo com a mesma autora, não existe sentido sem metáfora e as palavras não tem um sentido próprio na sua literalidade.

Segundo Pêcheux (1975), o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e é por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (metaphora) que elementos significantes passam a se confrontar de modo que se revestem de um sentido. (PÊCHEUX, 1975 *apud* ORLANDI, 2009, p. 44).

Sabendo que a metáfora faz parte da formação discursiva, podemos dizer que subimos mais um degrau que nos aproxima de um entendimento um pouco mais amplo sobre análise do discurso, afinal através da formação discursiva que podemos compreender os sentidos e às vezes uma mesma palavra pode expressar diversos sentidos, dependendo do contexto. Orlandi (2009, p. 44), exemplifica:

Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes. Por exemplo, a palavra “terra” não significa o mesmo para um índio, para um agricultor sem terra e para um grande proprietário rural. Ela significa diferente se a escrevemos com letra maiúscula Terra ou com minúscula terra etc. Todos esses usos se dão em condições de produção diferente, e podem ser referidos a diferentes formações discursivas.

O trabalho do analista fica mais focado em acertos quando ele consegue observar com propriedade as condições de produção e o funcionamento da memória para entender o sentido de tudo o que está dito.

2.4 PRÉ-CONSTRUÍDO E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Mais um item curioso e fundamental do processo da análise. Dizemos curioso, pois quem nunca teve acesso à análise do discurso profundamente, não tem idéia o quanto ela esmiúça o discurso. Aqui não é tratado apenas como algo que já nasceu pronto e sim como um processo que se inicia antes do resultado da leitura.

As condições de produção incluem pois os sujeitos e a situação. A situação por sua vez pode ser pensada em seu sentido estrito e em seu sentido lato. Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido lato a situação compreende o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo. Se separarmos contexto imediato e contexto em sentido amplo é para fins de explicação, na prática não podemos dissociar um do outro, ou seja, em toda situação de linguagem esses contextos funcionam conjuntamente. (ORLANDI, 2006, p. 15).

Dentro das condições de produção, a memória faz parte do interdiscurso. “O interdiscurso é irrepresentável. Ele é constituído de todo o dizer já dito. Ele é o saber, a memória discursiva” (ORLANDI, 2006, p.18). Esse saber discursivo faz o dizer se transformar em pré-construído e já dito, segundo a mesma autora. Por isso devemos prestar atenção em cada fragmento de informação, não apenas no que está aparente e imediato, mas também no sentido lato.

Orlandi (2009) nos traz um exemplo que clareia essa noção: Uma faixa negra, na qual está escrito: “Vote sem medo!” vem cheia de sentidos já ditos. Mas por que, já ditos? Pois por mais tempo faça que a frase tenha sido escrita, falada ou pensada, ela faz parte da nossa memória, ela nos remete a momentos históricos, de dificuldade de expressão, medo e governos autoritários. (ORLANDI, 2009).

Essas são as condições de produção, o todo. E a partir daí podemos entrar em outro assunto. Com esse exemplo podemos perceber que existe ali um esquecimento, o esquecimento número dois, da ordem da enunciação, o qual não busca o diferente, se contenta com o já dito e não procura trazer a informação seguindo outros caminhos. No caso, outra maneira de escrever na faixa seria: “Vote com coragem!”, ou “Vote com alegria”. Assim a “cara” do voto mudaria e ele sairia da visão comum e do contexto social pré- estabelecido.

As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI, 2009, p. 32).

Precisamos saber que sempre existe o já dito e que ele está diretamente relacionado com o momento no qual o discurso está sendo “re-dito”. Além disso, não podemos esquecer a importância do interdiscurso dentro das condições de produção. Tudo é uma trama onde cada item deve ser analisado, inclusive a memória e o imaginário e, de acordo com isso, Orlandi (2006, p. 16) afirma:

O que conta é a projeção da posição social no discurso. Desse modo, não é do operário que estamos falando, por exemplo, mas da imagem que a nossa sociedade faz do operário. Ou do pai, ou do professor, ou do presidente etc. Por aí podemos refletir sobre o quanto nossas trocas de linguagem, nosso discurso, é en-formado pelo imaginário.

Agora já podemos dizer que sabemos um pouco mais sobre as condições de produção e pré-construído. Vimos que a memória, o imaginário e a história social da linguagem influenciam muito no discurso e por isso ele possui uma textura não homogênea.

2.5 HETEROGENEIDADE

Como pudemos perceber, dentro da análise do discurso existem diversas palavras que funcionam como uma teia e formam os conceitos desta teoria. Além de precisarmos saber o que é discurso, linguagem, ideologia, pré-construído e sujeito precisamos saber também o que significa heterogeneidade. Neste momento é isso que buscaremos explicar.

Para interpretar a palavra heterogeneidade, dentro da análise do discurso, retomemos ao que diz Orlandi: “Vamos partir da afirmação de que o discurso é uma dispersão de textos e o texto é uma dispersão do sujeito. Assim sendo, a constituição do texto pelo sujeito é heterogênea, isto é, ele ocupa (marca) várias

posições no texto.” (ORLANDI, 1996, p.53). Dessa forma podemos entender que o sujeito, estando dentro do texto, ele aparece e marca seu espaço.

Uma outra maneira de afirmar essa heterogeneidade inscrita na noção de discurso, é definir o sujeito como descontinuidade e o texto como espaço de dissensões múltiplas. Essas reflexões nos levam a afirmar que o texto é atravessado por várias posições do sujeito. (FOUCAULT, 1969 apud ORLANDI, 1996, p.53).

Devido a todo esse atravessamento do sujeito dentro de cada texto, segundo Orlandi (1996), essas diferentes posições correspondem às diversas formas discursivas e:

A constituição do texto, do ponto de vista da ideologia, não é homogênea. O que é previsível, já que a ideologia não é uma máquina lógica, sem descontinuidades, contradições, etc. É isto que as diferentes posições do sujeito representam no texto (ORLANDI, 1996, p. 54).

Na Análise do discurso é positivo entender que existe uma ligação entre sujeito, heterogeneidade e autoria. Mesclar essas três noções dentro da análise faz com que entendamos melhor o processo do discurso. Gallo (2000), afirma que segundo Authier existem dois tipos de heterogeneidade, a constitutiva e a mostrada.

De acordo com os pensamentos da mesma, a heterogeneidade constitutiva se faz necessária na constituição do sujeito pois sem ela o sujeito seria calado através da consciência por saber que tudo já foi dito.

[...] refere-se a um nível do inconsciente em que todo o sujeito ‘esquece’ daquilo que determina os sentidos de seu dizer e em razão desse ‘esquecimento’ (apagamento), coloca-se na origem do dizer, conforme postulo Pêcheux, quando formula o esquecimento número um. (GALLO, 2001, p.62)

Ainda de acordo com Gallo (2000), Authier considera a heterogeneidade mostrada “como sendo uma maneira de negociação do sujeito com a heterogeneidade do primeiro tipo, a constitutiva, na forma da negação” (GALLO, 2000, p. 64). Para melhor explicar a heterogeneidade mostrada ela nos traz um exemplo:

Estamos no século XXI, *ou final do século XX se preferirem*, e ainda temos comunidades que não tem água encanada. A glosa: ‘ou final do século XX, se preferirem’ mostra uma sensibilidade imaginária por parte do locutor, a um sentido diferente que estaria no interlocutor, e em função do qual ele,

locutor se reformula, constituindo na glosa um espaço do 'outro' (o interlocutor), conseguindo com isso o efeito de que o restante do dizer é todo seu. Ou seja, entregando-se à evidência de uma voz que fala nele, o sujeito delimita o campo de ação dessa voz e garante a originalidade do restante. (GALLO, 2000, p. 64).

Então, basicamente devemos compreender os dois tipos de heterogeneidade e saber que ela é a maneira como o sujeito aparece em cada momento do texto. Além disso podemos dizer que há silêncio nas palavras e sentido no silêncio, pois o dizer é sempre uma relação com o não dizer, conforme cita Orlandi (2002).

2.6 SILENCIAMENTO DE SENTIDOS

O silêncio é o primeiro a chegar, o primeiro a participar, o primeiro na história do mundo. Desde o início, antes das primeiras palavras o silêncio já existia, antes da linguagem ele já marcava presença. Depois, o silêncio foi tomando forma e passou a ser parte importante do discurso religioso (ORLANDI, 2002). Por isso, a mesma autora afirma que do ponto de vista do analista do discurso,

[...] o que se pode dizer é que o que funciona na religião é a onipotência do silêncio divino. Mais particularmente isto quer dizer que, na ordem do discurso religioso, Deus é o lugar da onipotência do silêncio. E o homem precisa desse lugar, desse silêncio para colocar uma sua fala específica: a de sua espiritualidade. (ORLANDI, 2002, p. 30).

Dessa forma fica mais fácil compreender a importância e a força que o silêncio construiu durante o decorrer da história para a partir de agora começarmos a entender a significação que ele possui. Dentro da AD é preciso entender o silêncio além da dimensão política, pois só assim poderemos entender a linguagem. “[...] Só se pode pensar o silêncio, sem cair na armadilha dessa relação, quando se pensa o ‘avesso da estrutura’, sem o binarismo, sem as oposições e regras estritas e categóricas”. (ORLANDI, 2002, p. 32).

Pode-se entender que aí, o “avesso da estrutura” refere-se aos bastidores, ao modo como é feito e não apenas o que está explícito. De acordo com

esse pensamento não se pode pensar no produto e sim nos processos de significação, isto é, o discurso. (ORLANDI, 2002).

Podemos mesmo chegar a uma proposição mais forte, invertendo a posição que nos é dada pelo senso comum (e sustentada pela ciência), na qual a linguagem aparece como “figura” e o silêncio como “fundo”. (ORLANDI, 2002, p. 33).

Invertendo a posição comum de importância da linguagem e do silêncio, encontra-se a forma mais “limpa” de observar o próprio, e assim fazer o que a autora nos propõe, dar ênfase a ele, afinal: “A fala divide o silêncio. Organiza-o. O silêncio é disperso, e a fala é voltada para a unicidade e as entidades discretas. Formas. Segmentos visíveis e funcionais que tornam a significação calculável”. (ORLANDI, 2002, p.34).

O silêncio não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras. Não dura. Só é possível vislumbrá-lo, de modo fugaz. Ele escorre por entre a trama das falas. (ORLANDI, 2002, p. 34).

Ter a “atitude” do silêncio é raro em nossa sociedade. Se pararmos para notar, quase nunca ficamos mudos ou imóveis perante alguém. Ou seja, estamos sempre em comunicação. Sem perceber expressamos alguma idéia ou pensamento através de gestos, expressões faciais e corporais (ORLANDI, 2002). Ainda conforme a mesma autora, é como se a gestualidade fosse a fala e nós fossemos o texto, por isso mesmo estando mudos conseguimos nos comunicar e nos configurar através da expressão corporal.

Quando não estamos sozinhos e fizemos silêncio, normalmente somos alvo de questionamentos, conceitos pré-formulados e olhares analisadores, é fato. Por isso, Orlandi (2002, p. 37) esclarece que:

[...] Para nosso contexto histórico-social, um homem em silêncio é um homem sem sentido. Então, o homem abre mão do risco da significação, da sua ameaça e se preenche: fala. Atulha o espaço de sons e cria a idéia de silêncio como vazio, como falta.

Dentro da análise do discurso, o silêncio não é apenas um vazio, este é um estudo onde segundo Orlandi (2002, p.33) “[...] se pode perceber o silêncio como o estado primeiro, aparecendo a palavra já como movimento em torno”. Ou seja:

aqui podemos dizer: “No início é o silêncio. A palavra vem depois” (ORLANDI, 2002, p. 29).

O silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito. (ORLANDI, 2002, p. 13).

Essas contradições entre os conceitos de silêncio dentro da análise do discurso o modo como a sociedade pensa o silêncio e o silêncio no contexto histórico fizeram, formaram as “[...] reflexões que tematizam a relação linguagem/pensamento e linguagem/mundo (sociedade)”. (ORLANDI, 2002, p. 37).

O que não devemos esquecer em relação ao silêncio é que “quando não falamos, não estamos apenas mudos, estamos em silêncio: há um “pensamento”, a introspecção, a contemplação etc.” (ORLANDI, 2002, p. 37). Como já dito anteriormente, a relação do silêncio com a linguagem, o mundo e o pensamento, mesmo com a correria do dia-a-dia ainda resiste a urgência da linguagem. (ORLANDI, 2002).

Essa mediação é mais um dos elementos que desvelam a ilusão referencial: o silêncio não é transparente e ele atua na passagem (des-vão) entre pensamento- palavra- e – coisa. Também aqui se verifica que não há nenhuma relação termo- a- termo entre esses domínios. (ORLANDI, 2002, p.39).

A força histórica do silêncio e a maneira como ele aparece dentro do discurso revela, dentro da análise do discurso, a importância de cada intervalo do texto, de cada palavra e de cada pensamento entre linhas. Esse é o ritmo da AD, é dessa forma que devemos ler, observar e até escutar de forma crítica. Analisar o discurso é esmiuçá-lo, trabalhá-lo e saber que dentro dele o silêncio deve ser visível..

“Para torná-lo visível é preciso observá-lo indiretamente por métodos (discursivos) históricos, críticos, desconstrutivistas.” (ORLANDI, 2007, p. 45). Ou seja, temos que ir em busca de pistas, marcas que ajudam a esclarecer o silêncio. Saber o histórico do acontecimento é fundamental para observarmos por métodos discursivos as rupturas e falhas do texto.

Compreender o silêncio é explicar o modo pelo qual ele significa. Compreender o silêncio não é, pois, atribuir-lhe um sentido metafórico em sua relação com o dizer (“traduzir” em palavras), mas conhecer os processos de significação que ele põe em jogo. Conhecer os seus modos de significar. (ORLANDI, 2007, p. 50).

A linguagem deve contribuir com a significação do silêncio quando falamos em explicação e pressupostos mas não pode ser um centro de importância muito grande. A identidade do silêncio dentro do discurso tem um caráter positivo e é através das figuras textuais, da elipse que elas aparecem. Afinal, o silêncio é fundador e nos remete ao não dito.

De modo geral, se nos colocamos em uma perspectiva discursiva e, em consequência, não-negativa do silêncio, toda uma revisão das “figuras” seria necessária e revelaria aspectos interessantes do próprio estudo da retórica. (ORLANDI, 2007, p. 53).

As duas categorizações das formas de silêncio, segundo Orlandi (2007) são o silêncio fundante e a política do silêncio (o silenciamento). Quando a autora fala de silêncio fundante quer dizer que “todo processo de significação traz uma relação necessária com o silêncio”. (ORLANDI, 2007, p.53).

Ao se referir à política do silêncio ela lembra que o sentido sempre vem de algum lugar, e esse lugar é exatamente a posição sujeito, “... ao dizer, ele estará, necessariamente não dizendo ‘outros’ sentidos. Dizer e silenciar andam juntos”. (ORLANDI, 2007, p. 53). Sempre selecionamos palavras, modos de falar e o que falar, isso é o reflexo das duas categorizações das formas do silêncio e é também uma prova de que o silêncio está totalmente ligado à significação. “O método de que necessitamos deve então ser ‘histórico’ (discursivo), e fazer apelo à ‘interdiscursividade’, trabalha com os meios, os reflexos indiretos, os efeitos”. (ORLANDI, 2007, p. 56). Para termos uma maior aproximação com o silêncio, a autora traz três modos. Sendo eles, trabalhar com a noção de completude (incompletude); fazer uma análise das figuras e do modo como é trabalhada a retórica; e fazer uma relação com os textos (intertextualidade), através da análise da paráfrase, particularmente.

O silêncio é fugaz. O homem não o suporta e assim não lhe permite senão uma existência efêmera. Para relação entre múltiplos fragmentos de linguagem, pode-se construir uma certa duração para torná-lo observável, nas condições em que ele se produz. Ressalta-se assim sua materialidade histórica. (ORLANDI, 2007, p.57)

O que devemos memorizar também é que o silêncio se engloba no sujeito e no sentido, ou seja: ele é uma importante parte do discurso.

2.7 O DISCURSO JORNALÍSTICO

Muitas pessoas ainda tem a idéia de que o jornalismo sempre foi apenas um meio de noticiar fatos com o objetivo de ser totalmente transparente e fiel aos acontecimentos de um modo que pudesse trazer sempre uma neutralidade. O discurso jornalístico tem uma face modelada pela história, pela religião, pela política e pelos costumes da sociedade e, quando analisada, essa face se mostra um pouco diferente, ou seja: nem sempre o discurso jornalístico traz apenas a neutralidade e a notícia de uma forma fidedigna.

O fato é, dentro do desenvolvimento social e histórico, ele sempre foi controlado, sempre teve “liberdade”, mas sempre ficou preso. Preso por regras, leis e proibições sociais. A “liberdade” foi concedida, mas os limites sempre estiveram presentes. Esses limites, hoje, embora não tão severos como em outras fases da história, ainda existem devido ao poder de informação e uso das palavras que o profissional da comunicação possui.

Com a possibilidade de a imprensa expor idéias contraditórias às dos governos, à igreja e até mesmo contra os costumes sociais, muitas classes amedrontadas com essa idéia foram contra a liberdade de imprensa Mariani (1999, p. 54), expõe:

Se os primeiros mestres impressores recebiam honrarias de cavaleiros da Casa Real, porém, já antes da metade do século XVI tipógrafos e tipografias começaram a ser vistos como elementos perigosos e destabilizadores, pois podiam difundir, defender e/ou atacar idéias. Para as relações de poder tornou-se necessário calar esses dizeres, modificar as linhas impressas ou, se possível, riscá-las.

A imprensa é até hoje uma classe que coloca “medo” até mesmo nos maiores órgãos de maior força social. Por isso na maioria dos casos, políticos e poderosos tentam uma boa relação com jornalistas. O jornalismo é tido como

verdade pela população e devido a isso os leitores e espectadores da notícia são facilmente balançados por qualquer opinião que venham a ter acesso. Por essa e outras questões podemos entender o receio que a “alta sociedade” sente em relação à mídia. A respeito da interferência política da Igreja no discurso jornalístico, devemos saber que:

O investimento político do poder religioso foi instituir a censura, controlando tudo o que viesse a ser impresso nas tipografias, evitando, assim a publicação de livros sem licença prévia: ficava proibido tudo que atendesse contra os bons costumes e a fé. Uma obra qualquer, para ser impressa, deveria ser submetida ao julgamento prévio dos tribunais censórios, sempre de acordo com o Rei e com a vontade da igreja. (MARIANI, 1999, p. 54).

Com isso podemos perceber a força que as classes dominantes, juntamente com a igreja exerciam sobre qualquer texto que pudesse ser publicado. Com o passar dos anos, segundo Mariani (1999), surgiu em Portugal no ano de 1821 a primeira lei de imprensa que anunciava o fim da censura prévia. Mas no decorrer dos anos podemos perceber que a mudança não foi radical.

A censura ainda existe pois “...ao mesmo tempo, encontra-se nessa lei um conjunto de normas que disciplinam e institucionalizam essa ‘liberdade’ do dizer: era obrigatório que o escrito contivesse o lugar e o ano da impressão, bem como o nome do impressor.” (MARIANI, 1999 p.56).

Sendo assim, como nessa época ainda existe o artigo oitavo, que proibia o escritor de ir contra a religião católica romana, contra o estado, contra os bons costumes e contra os particulares, aquele que o fizesse poderia ser encontrado e de alguma forma acabar pagando por sua atitude.

Como se pode notar, o sentido da vigilância e da delegação, uma vez legalizado pelo poder jurídico, passa por um processo de naturalização ao longo do século. E mais, tornou-se “natural” vigiar tudo o que fosse dito/escrito contra a igreja, o Estado, a Moral e a Propriedade. (MARIANI, 1999 p. 57).

Quando surge a imprensa no Brasil acontece a mesma coisa que em Portugal, ela passa a ser controlada por meio de lei e mesas censórias. O que devemos perceber é que, embora não tão rígido, até hoje ainda percebemos um certo controle em relação aos textos de jornais, telejornais, revistas e etc. O discurso jornalístico é um reflexo dos caminhos da história, do medo do dito do silêncio no não dito e da necessidade de se expressar.

Jornalistas e escritores tiveram que se moldar de acordo com as exigências feitas pela alta classe da sociedade para não sofrerem e não ficarem sem emprego, afinal, a maioria dele trabalha para alguma instituição. E essas, normalmente devem explicações à alguém e a maioria delas não quer se sacrificar.

Estabelecendo um paralelo com a noção de assujeitamento do sujeito a um já-dito, consideramos que houve um processo histórico de assujeitamento da instituição jornalística a um já-dito construído juridicamente. São as exigências do poder religioso, político e jurídico, no intuito de preservar o *status quo* de uma elite dominante, que estão inscritas nos mecanismos de funcionamento da instituição, e não uma vontade de neutralidade, resultado de técnicas que adéquam uma exterioridade factual colada a sentidos literais. (MARIANI, 1999, p. 55).

Perante todas essas questões históricas podemos entender que o discurso jornalístico é, portanto, resultado de regras que não afluam quaisquer tipos de poder. Embora saibamos que atualmente algumas atitudes mudaram, podemos perceber que ainda existem na imprensa resquícios fortes de uma história marcante. História que muitas vezes exige silêncios e faz com que o jornalista tente modelar sua escrita para não “agredir” os bons costumes e uma elite protegida.

3 A MORTE DE UM ÍDOLO

Mesmo sem percebermos, a morte está presente todos os dias de nossas vidas e se manifesta de diferentes modos, através do cuidado que temos ao atravessar a rua para não ser atropelado e dar de cara com a morte, quando vemos algum bicho morto, quando assistimos TV e vemos notícias de assassinatos ou quando se ensina os filhos a não usar drogas, pois prejudica a vida e faz a morte chegar mais cedo. Segundo Kovács (1992, p.2),

[...] Entrelaçamos vida e morte, durante todo nosso processo de desenvolvimento vital. Engana-se quem pensa que a morte só é problema no final da vida, e que só então deverá pensar nela. Podemos, é claro, tentar esquecer, ignorar ou mesmo 'matar' a morte.

A morte mexe com o desenvolvimento humano e pode influenciar até mesmo na maneira como encaramos a vida, por isso é muito difícil “matar a morte”. No caso da morte do cantor Michael Jackson, conhecido mundialmente pelo seu estilo próprio marcante e cheio de energia, podemos perceber que mesmo ele sendo próximo da população mundial apenas através dos meios de mídia e de shows, o mundo inteiro sentiu sua perda e também não pode “matar a morte”, fingir que ela não aconteceu. Isto faz parte do funcionamento do ser humano, afinal, a morte corta vínculos.

[...] a morte é entendida como o fim da vida, ela confisca para si toda a positividade: rompe o modo de nossa ligação com o mundo, corta-nos dos entes queridos e cinde-nos do corpo que amamos. Ela é dolorosa e triste como o fim de uma festa ou como o derradeiro aceno de um encontro. (BOFF, 1984, p. 34).

Quando uma pessoa falece repentinamente, sem esperarmos, o choque é grande. A morte de um ídolo do porte de Michael Jackson, conhecido no mundo todo por pessoas de diversas idades, faz até mesmo com que adultos e idosos revivam o sentimento de quando eram adolescentes e de quando ainda eram crianças. Assistem o noticiário de TV, vêem a morte, não acreditam, criam dúvidas e percebem que a pessoa está “diferente”, não tem mais vida. Só depois disso aceitam que a morte chegou.

A morte é geradora de diversos sentimentos e o resultado desse processo de pensamento se reflete até mesmo no ciberespaço. Durante alguns instantes da noite de 25 de junho de 2009, dia no qual o ídolo do pop faleceu, um dos maiores sites de busca do mundo, o Google, ficou congestionado e sem condições de responder a todas as buscas pelo nome Michael Jackson.

No decorrer da história nunca encaramos a morte de uma maneira fácil. Segundo Ariès (2003), na Idade Média tínhamos a morte repentina como algo negativo. Hoje a mentalidade mudou e, na maioria das vezes, temos consciência de que a morte repentina é melhor do que o sofrimento pré-morte prolongado, mas ainda nos espantamos com as mortes inesperadas. Ariès (2003, p. 67) afirma:

Naturalmente, a expressão da dor dos sobreviventes é dividida a uma intolerância nova com a separação. Mas não é somente diante da cabeceira dos agonizantes e da lembrança dos desaparecidos que se fica perturbado. A simples idéia da morte comove.

A morte de Michael Jackson comoveu o mundo. A energia transmitida através de sua dança, o ritmo forte e vibrante de suas músicas e a presença de palco do ídolo pop foram fatores significantes para causar um grande impacto emocional na população mundial. Afinal, ter certeza de que aquele alguém que era símbolo de vida, emoção e arte não vive mais é a prova de que a morte é certa para todos.

Não importa a faixa etária, os pensamentos e sentimentos que envolvem a morte estão presentes em todas as idades e o falecimento de um astro que marcou a história da música pop no mundo todo é mais que suficiente para mexer com a mente das pessoas e as fazer viver o sentimento da perda em qualquer que seja a etapa do desenvolvimento em que se encontram. Por isso veremos a seguir como crianças, adolescentes, adultos e idosos lidam com a morte.

3.1 CRIANÇA E ADOLESCENTE PERANTE A MORTE

Desde a infância a sociedade vai nos interagindo sobre o que é a morte, sobre o sentimento pós morte e sobre a revolta contra a morte. Até o ato de presentear as crianças com um animalzinho de estimação é uma maneira de contribuir para que elas comecem a participar de um ciclo que as envolve socialmente e as faz ter as primeiras experiências de vida.

Toda criança já “perdeu” um passarinho, um gato, um peixe ou qualquer bicho de estimação. Percebeu então que ficaram “diferentes” do que eram quando estavam vivos. Além disso, podem morrer bisavós, avós, pais, irmãos, amigos e, nos noticiários e novelas da Tv, inúmeras pessoas. (KOVÁCS, 1992, p. 3).

No início da nossa vivência muitas vezes não paramos para interpretar a morte, ela chega e de repente nos vimos perante uma situação diferente. Segundo Kovács (1992) no período pós morte a criança é como o adulto, chora a perda, processa a situação, desespera-se e depois se conforma. A partir do momento em que começamos a entender determinados fatos da vida, somos inseridos na sociedade, sociedade esta que se responsabiliza por nosso aprendizado cotidiano trazendo diariamente a vivência necessária para aprendermos a lidar naturalmente com cada situação. Aos poucos surgem dúvidas a respeito da mais intrigante pergunta feita pelas crianças após a perda de alguém, Kovács (1992, p. 4) explica:

Fica, portanto, a grande questão: se os outros morrem, será que morrerei também? A criança reproduz a história da humanidade. Ela se representa como o herói que durante o dia vence a sua fragilidade e, à noite tem os seus pesadelos, os monstros, os dragões e os fantasmas que a ameaçam. A morte representa o desconhecido e o mal.

Não são apenas as crianças que tem medo da morte. O medo está presente na maior parte dos seres humanos que desejam continuar vivos. Embora cada religião encare a morte de uma maneira, a maioria das pessoas não é como os budistas que a vêem como um “[...] momento de máxima consciência, e os homens iluminados lembram suas mortes e suas outras vidas.” (KOVÁCS, 1992, p. 1). Não importa a idade, o fato é que grande parte da população teme a morte e mesmo tendo certeza de que iremos falecer,

Não nos preparamos para morrer nem tocamos no assunto “morte”, pois, supersticiosamente, tememos que, ao tratá-la com relação a nós mesmos, a estaremos atraindo mais rapidamente: sandice que se torna lei, que obscurece a visão da realidade, deixando quase sempre desorientados os que ficam, sem saber o que fazer na presença da morte. (LOUREIRO, 1998, p.76).

Pelo o que lemos, com relação a morte, o mundo das crianças é o mais cheio de “sandices” e uma delas é explicada por Kubler-Ross (1997): muitas vezes quando o desejo das crianças não é atendido elas por raiva querem a morte da mãe. Isso acontece durante alguns instantes e se por acaso a mãe vier a falecer nesse período, mesmo não tendo nada a ver com o ocorrido o menor irá se culpar.

[...] É bom lembrar que a criança reagirá do mesmo modo se vier a perder um dos pais por conta do divórcio, por separação ou abandono. A criança, não raro, vê a morte como algo não-permanente, quase não a distinguindo de um divórcio em que pode voltar a ver um dos pais. (KUBLER-ROSS, 1997, p. 15).

O mundo infantil é cheio de fantasias, sonhos e pesadelos. Segundo Kovács (1992), a televisão e a vida fora de casa, os instantes na rua, são capazes de mostrar à criança a concretude da morte, a parte violenta, os acidentes, o sangue e os corpos. Por isso, ainda de acordo com Kovács (1992, p. 4) é possível afirmar que “A morte passa a adquirir alguns dos seus contornos principais, o caráter de violência, repentinidade, acaso”.

Uma das formas principais de proteção passa a ser a crença de que a morte só ocorre com os outros.” Esse é um estágio pelo qual todos nós passamos. É o otimismo se fazendo presente desde os primeiros anos de idade. Conforme o tempo vai passando, alguns modos de pensar vão sendo reavaliados e, de repente, uma grande parte de nossas idéias principais vão se transformando. Com relação a isto, Kubler (1997, p. 15) explica:

Quando crescemos e começamos a perceber que nossa onipotência não é tão onipotente assim, que nossos desejos mais fortes não tem força suficiente para tornar possível o impossível, desaparece o medo de se ter contribuído para a morte de um ente querido e, por conseguinte, some a culpa; o medo permanece subjacente, mas só enquanto não for fortemente despertado.

Na adolescência algumas formas de pensamentos mudam, o corpo é outro, as atitudes são mais radicais e a maneira de encarar a morte também muda. Surge nessa etapa o sentimento de heroísmo. Segundo Becker (1995), é normal o homem tentar ser um herói e dentro da nossa sociedade lutamos para nos tornarmos isso enchendo nossas contas bancárias, acumulando imóveis e querendo morar no melhor bairro. O pensamento de se ser herói gira em torno da sociedade, é uma maneira de tentar ser melhor que o outro, uma provação, algo que os adolescentes adoram fazer. Um provar que é melhor que o outro.

O fato é que a sociedade é assim e sempre foi: um sistema de ação através de símbolos, uma estrutura de condições sociais e de papéis, de costumes e regras de comportamento, destinado a servir de veículo para o heroísmo dos seres terrestres. Cada roteiro é de certo modo, único, singular, cada cultura tem um sistema de heroísmo diferente. (BECKER, 1995, p.18).

No mundo dos adolescentes, quando o assunto é morte também existe a palavra heroísmo a cercando. Os jovens gostam de desafios e, segundo Kovács (1992), assim como as crianças, eles também querem ser heróis. Devido ao fato de terem um corpo mais forte e a mente mais sedenta por novidades, os jovens se consideram mais parecidos com os heróis de filmes. Nessa etapa da vida pensamos ser capazes de qualquer coisa. A morte aí é, mais do que nunca, sinônimo de fracasso. Continuando com as teorias de Kovács (1992, p. 5), ela afirma que:

O adolescente pode viver várias mortes concretas, com a perda de amigos, colegas, em acidentes, overdose, assassinatos, doenças. Apesar de viver a concretude dessas perdas, o pensamento adolescente conclui que a morte ocorreu por inabilidade, imperícia e que o verdadeiro herói, que é ele próprio não vai morrer. Aqui está representada a busca e o desejo de imortalidade do ser humano, o seu desejo de ser herói, forte, belo e onipotente, com a grande missão de vencer o dragão da morte.

Mesmo aparentando não ter medo, o jovem é cheio de inseguranças e receios. Pelo que percebemos na sociedade e por nossas próprias experiências, a agitação dessa idade aos poucos vai embora conforme a vida adulta vai chegando.

3.2 VIDA ADULTA E VELHICE PERANTE A MORTE

Na vida adulta novos planos são traçados e uma olhada para o passado nos faz refletir sobre a vida e continuar fazendo nossos planos. Segundo Kovács (1992), após fazermos isso, entramos na vida adulta.

[...] Ao fazermos um balanço dessa experiência, uma grande transformação interna se processa em nós e a morte não se configura mais como algo que não acontece conosco também. Surge, então, a possibilidade da minha morte e isto traz um novo significado para a vida. Esta passa a ser definida e ressignificada pela possibilidade da morte. Não temos mais todo o tempo do mundo, o limite não está lá para ser extrapolado e sim para ser conhecido e admitido. (KOVÁCS, 1992, p. 7).

Após admitir que a morte é uma realidade e está próxima, passamos para outra fase da vida, a velhice. Esta é conhecida pelo “retrato” das pessoas idosas, pela pele enrugada, pela perda da audição, dos reflexos e muitas vezes até da memória. Nas ruas, o idoso é aquele que anda mais devagar, que precisa do auxílio de muleta ou o senhor que tem os cabelos brancos. A verdade é que é difícil encontrar uma definição para a velhice ou dizer quando nos tornamos velhos. Segundo Loureiro (1998, p. 20):

[...] Hipócrates, comparando os momentos da existência às estações da natureza, assemelha a velhice ao inverno, estimando o seu começo após os 56 anos. Aristóteles afirma que o homem envelhece a partir dos cinquenta anos, enquanto Galileu, parafraseando a teoria dos humores – sangue, fleuma, bile amarela e bile negra –, compara as fases da vida a ele e caracteriza o envelhecimento pela diminuição da umidade e do calor, sendo a velhice um mal inevitável e incurável.

Quando exatamente começamos a ficar velhos não se sabe, mas o que podemos afirmar é que nesse período, mais do que em qualquer outro, a morte é vista, talvez, da sua maneira mais real. Afinal, sabemos que somos seres mortais e que ela se aproxima. Segundo Kovács (1992), devido ao fato de nessa fase a maioria das pessoas ter o físico menos saudável, diversas atividades sociais, familiares, financeiras e psicológicas mudam.

O convívio social, na maioria dos casos, fica restrito. Com o passar do tempo os idosos vão ficando cada vez mais debilitados, perdem a audição, falam muito alto e andam rodeados de preconceitos. Muitos são considerados um peso

perante suas famílias, pois já não são mais “produtivos” e nem fonte de bons resultados financeiros. Às vezes, dependendo do estado de saúde, alguns são apenas fonte de despesas. Devido a esses e outros aspectos, particulares de cada situação, muitas pessoas acabam vendo os idosos como seres inúteis, como pessoas incapazes. Kovács (1992,p.72) afirma:

[...] a verdade é que a maioria delas é vista como muito diminuída na sua capacidade ou no seu potencial. E o que acaba acontecendo é que o próprio velho acaba se vendo assim. [...] Bem, esse tipo de discriminação é o que eu chamo de uma das pequenas mortes do velho.

Além de serem vítimas da discriminação e irem morrendo aos poucos por causa disso, alguns velhos também tentam se isolar. Na maioria dos casos não se apegam a novas amizades, não se abrem para novas pessoas e acabam se excluindo do convívio social:

Então à medida que a pessoa envelhece, ela vai se preparando para a morte desta maneira, de modo a não sentir tanto a perda dos objetos de afeto, do trabalho, das pessoas, das viagens, de comer ou de qualquer outra coisa. Então ela vai gradativamente perdendo o interesse, e que isso seria uma medida sábia da natureza para fazer com que ela possa aceitar a morte dela. (KOVÁCS, 1992, p. 88).

Embora a sociedade tenha criado o “desenho” da morte aos poucos, conseguimos estruturá-lo de uma maneira tão forte que ele passa a fazer parte da vida desde os primeiros anos de idade. A morte tem diversos pontos de vista, diversos ângulos, e em cada etapa de vida pensa-se nela de uma forma diferente. Vamos incrementando o “desenho” da morte e conforme o tempo passa o analisamos de maneiras diferentes.

3.3 A MORTE E O SENTIMENTO DO ENLUTADO

Normalmente, depois que uma pessoa morre, os familiares, amigos, colegas e até parentes distante sentem a perda. Tratando-se da morte de pessoas conhecidas, cantores, por exemplo, como é o caso de Michael Jackson, não apenas a família sofre, o mundo sente e se lamenta e a esse momento damos o nome de

luto. “O processo de luto por definição é um conjunto de reações diante de uma perda.” (KOVÁCS, 1992, p. 153). Ao longo do tempo tivemos diversas maneiras de enfrentar o luto e no decorrer da história elas foram se modificando.

[...] Aproximadamente desde o século XII, o luto excessivo da Alta Idade Média efetivamente ritualizou-se. Começava apenas após a constatação da morte e traduzia-se por uma indumentária, por hábitos e por uma duração fixados com precisão pelo costume. (ARIÈS, 2003, p.71).

Atualmente não usamos necessariamente uma vestimenta específica para o luto, roupas fechadas e com ausência de cor, como era o costume há pouco tempo. Segundo Ariès (2003), do fim da idade média ao século XVIII, o período do luto podia ser menor e dar lugar a um novo casamento, visitas de parentes, amigos e vizinhos faziam parte do ritual que durava um período conveniente. Já no século XIX:

[...] o luto se desenrola com ostentação além do usual. Simulou até não estar obedecendo a uma obrigação mundana e ser a expressão mais espontânea e mais insuperável de uma gravíssima dor: chora-se, desmaia-se, desfalece-se e jejua-se como outrora os companheiros de Roland ou de Lancelot. É como um retorno às formas excessivas e espontâneas- ao menos na aparência- da Alta Idade Média após sete séculos de sobriedade. O século XIX é a época dos lutos que o psicólogo de hoje chama de *histéricos*[...]. (ARIÈS, 2003, p.72).

No século XIX fica clara a dificuldade de aceitar a morte do outro, as atitudes dessa época mostram um temperamento um pouco revoltado, “esse sentimento é a origem do culto moderno dos túmulos e dos cemitérios, que agora precisamos analisar. Trata-se de um fenômeno religioso, próprio da época contemporânea” (ARIÈS,2003, p.72). O culto aos túmulos é recente e segundo o autor essa mudança cresce principalmente depois do século XVII, onde a preocupação em localizar as sepulturas é maior.

Os túmulos tornaram-se o signo de sua presença para além da morte. Uma presença que não supunha necessariamente a imortalidade das religiões de salvação, como o cristianismo. Era uma resposta à afeição dos sobreviventes e à sua recente repugnância em aceitar o desaparecimento do ente querido. (ARIÈS,2003, p. 74).

Quando se trata de ações e sentimentos da fase do luto sabe-se que, além de ir à cemitérios, de acordo com Kovács (1992), passa-se por vários outros

estágios. O choque é uma das primeiras reações, pode vir acompanhado de raiva e desespero e dura algumas horas ou semanas. O que dura meses ou até anos é o desejo da busca pela pessoa que se foi. Depois vem a fase de desorganização e desespero e a última etapa é a fase de alguma organização.

A respeito da primeira e da segunda fase, a do choque e a da busca por quem se foi, temos um exemplo interessante que refere-se à morte do cantor pop Michael Jackson. Apenas uma semana após a notícia do falecimento do ídolo o jornalista Randy Taraborrelli (que convivera com ele durante muitos anos), havia parado para pensar em tudo o que havia acontecido. A semana tinha sido muito conturbada para o escritor, que devido ao seu trabalho não podia perder tempo, tinha que fazer inúmeras entrevistas e saber de cada nova informação a respeito da morte de Michael Jackson. Só quando estava em Neverland que o jornalista percebeu com emoção e choque que o Rei do pop tinha morrido.

E foi ali, de pé comendo um sanduíche, que finalmente a ficha caiu. Isto é, que me dei conta de uma vez por todas do que havia acontecido. Michael se foi. Para sempre. Aquela sensação de inquietude e apreensão na boca do estômago, que eu tinha tentado ignorar durante uma semana, deu lugar a um desespero quase devastador. Parecia uma injustiça inacreditável. (TARABORRELLI, 2009, p. 631).

Nesse momento podemos perceber o resultado da transição da primeira fase do luto para a segunda. Na primeira o sujeito pode parecer desligado mas possui um alto nível de tensão mas também pode sentir raiva, pânico. No caso de Taraborrelli (2009), foi um desespero devastador, como afirma o escritor. Na segunda fase, onde existe uma busca pela pessoa que partiu, “Dois processos contraditórios coexistem a realidade da perda com todos os sentimentos que a acompanham, e a esperança do reencontro”. (KOVÁCS, 1992, p. 152).

Baseando nessa fase podemos trazer outro exemplo que condiz com esse período. “Andei até esse recanto do café da manhã, parei bem no centro e olhei à minha volta. O lugar estava completamente vazio- como o resto da casa-, mas as lembranças continuavam ali” (TARABORRELLI, 2009, p.632). Para o jornalista da CBS News, que conviveu com Michael Jackson durante uma grande parte de sua vida, talvez sinta de uma maneira mais significativa as outras fases do luto. Afinal, a terceira fase é o momento em que existe desorganização e desespero

por conta da falta da pessoa que se foi, já na quarta o enlutado começa a se organizar e ver a vida sem a pessoa que morreu.

Para o público em geral talvez não exista a terceira e a quarta fase pois não existe uma proximidade tão grande a ponto de acontecer uma desorganização após a morte do ídolo. Quando a perda é mais próxima, todas as etapas ficam mais nítidas e aí, quem fica, o enlutado, precisa de ajuda e, nesse caso, segundo Parkes (1998, p.192):

A primeira fonte para a maioria de nós é ou deveria ser, nossa família. Afinal, é para isso que as famílias existem. Depois da família, os amigos são a próxima fonte de apoio. Muitos médicos e religiosos poderiam considerar que dar apoio às pessoas que estão morrendo, e aos enlutados, é também parte de seu papel, mas, ao longo do tempo tem recebido pouco treinamento nessa área.

No caso da população mundial que sofre a perda de um ídolo, não se sabe de onde recebem apoio, pois muitas vezes o luto não é nítido. O que se percebe é que a maioria das pessoas após sentir o choque da perda de um astro tenta transformá-lo em alguém imortal.

Pensar em um imortal e materializá-lo no ambiente presente é, não mais, do que manter viva a lembrança de alguém que já morreu. Ao citar as formas de como a imortalidade pode ser alcançada, podemos pensar assim: falamos ou pensamos em tal indivíduo como se este estivesse ainda vivo (presença na memória, nas artes, nas imagens, nos produtos) ou falamos de sua morte, especulamos o seu morrer, frisando, assim, que há uma necessidade de relembrá-lo para que lhe seja atribuído o título de imortal. (CRUZ, 2009, p. 25).

A população se apega em materiais como imagens, músicas e vídeos. Outro sentimento que muitas vezes aparece na população enlutada é o não gostar de ver outros falando mal do defunto. Como já mencionado, isso pode ser resultado de uma superstição, a qual crê que se falarmos muito sobre a morte poderemos atraí-la e se falarmos mal de quem já se foi poderemos ser castigados. Esse pode também ser um dos motivos pelos quais em vários momentos a mídia deixa de lembrar fatos negativos da vida de Michael Jackson. Antes de analisarmos alguns materiais pra ver se algo parecido com isso acontece, vamos conhecer um pouco mais sobre o caso Jordie Chandler na vida do rei do pop.

3.4 FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA

Nascido em Gary, Estado de Indiana nos Estados Unidos, dia 29 de agosto de 1958, Michael Joseph Jackson marcou história. Segundo Crociatti (2009), o pai do cantor, Joseph Jackson, conhecido por seu jeito rude e violento, educou seus nove filhos usando terror psicológico e violência física. Em um trecho do livro *Michael Jackson: 50 anos do ídolo do pop*, Crociatti (2009, p. 23) expõe um pensamento de Joseph Jackson:

[...] Tenho uma filosofia sobre como tratar meus filhos. Fui tratado com severidade quando era pequeno e por causa disso consegui realizar muitas coisas. E meus filhos também foram criados com severidade e veja o quanto eles realizaram. Acho que os filhos devem ter medo dos pais. É bom para eles terem medo da gente.

Embora tendo sido criado em um ambiente familiar hostil em virtude da rigidez do pai, Michael Jackson tinha uma relação forte de afeto com sua mãe, Katherine. Ela dava amor e carinho para os filhos. Ao contrário de Joe, como era conhecido o pai do cantor, Katherine sempre tinha o objetivo de passar lições positivas aos filhos. Com relação a isso, afirma Crociatti (2009, p. 23):

[...] O lema de Katherine era bondade, amor, consideração ao próximo. Ela sempre os ensinou a não machucar as pessoas, a nunca pedir algo que pudessem conseguir por si mesmos e a nunca viver à custa dos outros porque isso era muito triste. Esse ensinamento, em particular, marcaria o pequeno Michael: em sua vida o astro sempre se preocupou em ajudar aqueles que, por um motivo ou outro, acabavam por depender da ajuda de estranhos.

Não foi apenas a infância de Michael Jackson que foi marcada por contrastes. Quando criança, exposto à violência e ao amor e quando adulto além de carregar feitos inéditos e músicas com um fundamento no bem social, também se envolveu em escândalos, o que contribuiu para a construção de uma imagem não apenas de astro do bem mas também de pessoa com caráter duvidoso.

Uma vida de contrastes, amor e violência, bondade e agressividade. O astro do pop colaborava para que muitas dúvidas a seu respeito surgissem. Seu comportamento amoroso com crianças e discreto com mulheres traziam uma série de perguntas em torno de cada amizade construída e de cada pessoa que levava

para a sua casa. A partir daí sua sexualidade foi colocada em dúvida e o resultado desses questionamentos foram significativos na história de sua vida.

Segundo Crociatti, Michael tinha uma grande dificuldade de falar sobre sexualidade, seu constrangimento era grande pois, segundo o autor, Michael Jackson considerava suas relações amorosas algo privado, sem entender porque as pessoas ligavam a homossexualidade a sua vida. Crociatti (2009, p.62):

[...] Certa vez, em 1984, um homem loiro e alto abordou Michael oferecendo sexo. O astro perguntou a ele: “Quando foi a última vez que você leu a Bíblia? Ali existem formações importantes sobre a homossexualidade”. O homem reagiu dizendo que, se ele fosse uma moça Michael não o rejeitaria. Michael então deixou claro que não faria sexo com ele de modo algum, nem mesmo se ele fosse uma garota, pois a Bíblia também condenava esse tipo de comportamento libertino.

Até hoje muitas pessoas se perguntam se Michael era homossexual, pedófilo, as duas opções ou nenhuma delas. Para Taraborrelli (2009, p. 159):

A verdade é que Michael nunca teria se permitido ter relações homossexuais, mesmo que se sentisse interessado por outro homem. Era muito puritano, em decorrência de sua formação religiosa. As testemunhas de Jeová acreditam firmemente que a destruição do mundo é iminente e que só poucos servos de Deus sobreviverão ao terrível holocausto. Havia uma questão que ficaria girando na cabeça de Michael durante toda a sua juventude: Conquistaria a salvação ou arderia nas chamas do inferno? Se ele quisesse ser salvo – se queria ficar com sua mãe por toda a eternidade – teria de viver segundo cada uma das rígidas estipulações de sua igreja, e uma delas era que sem dúvidas ele não podia ser gay.

Mesmo sabendo um pouco sobre sua vida religiosa, as pessoas sempre criticaram o modo de ser do cantor baseando-se no que a mídia informava. Michael Jackson tinha atitudes que não eram entendidas positivamente perante a mídia e a população. O fato de ele ter facilidade de construir amizades com crianças e não expor sua vida amorosa contribuiu para que as diversas dúvidas da população facilitassem acusações e construíssem em sua vida uma pirâmide de escândalos.

O primeiro deles aconteceu em agosto de 1993. Neste ano Michael Jackson foi acusado de abusar sexualmente de um menino de 13 anos chamado Jordie Chandler. Conforme relata Taraborrelli (2009), Michael e Jordie se conheceram em março de 1992 na loja de aluguel de carros de Dave Schwartz, padrasto de Jordie. “Dave e a mulher, June, estavam com problemas conjugais, e ele praticamente não estava morando na casa do casal, embora ainda tivesse uma

relação amistosa. Ligou para June e lhe disse que levasse o filho dela, Jordie, para 'a loja' para uma 'grande surpresa'". (TARABORRELLI, 2009, p. 429).

Segundo o mesmo autor, Jordie era fã de Michael. Em 1984 já tinha visto o cantor em um restaurante de Los Angeles. No mesmo ano Michael Jackson gravou uma propaganda da *Pepsi* e acabou se queimando e indo para o hospital. O menino lhe enviou uma carta quando ainda estava internado no Hospital Memorial de Brotman. Com a carta ele também enviou uma foto e o número do seu telefone. "Dois dias depois para a alegria dos pais, Michael ligou para Jordie para agradecer pelo bilhete, e também para lhe dizer que o achava um 'garotinho lindo'. (TARABORRELLI, 2009, p. 430).

Taraborrelli (2009) afirma ainda, que depois disso, quando Jordie tinha nove anos, recebeu quatro ingressos pra ir ao show de Michael Jackson em Los Angeles. Quem ofereceu as entradas foi o empresário do ídolo, Frank Dileo. A família de Jordie aceitou e após o espetáculo tentou levar o garoto para ver Michael, mas não conseguiu.

Por isso, quando Jordie falou com artista pela primeira vez na loja de Dave Schwartz a emoção foi grande. "June escreveu um número de telefone num papel e o entregou a Michael. 'Você devia ligar para Jordie algum dia', sugeriu, como se a 'amizade' de um menino de 12 anos com um *popstar* de 32 fosse a coisa mais natural do mundo" (TARABORRELLI, 2009, p.431). Foi aí que a amizade começou:

O que Jordie tinha que realmente atraiu Michael foi o bom-humor do menino. Sempre que alguém o conseguia fazer rir, ele queria esse alguém em sua vida. Jordie o fazia rir. Ele fazia gozações com Michael, do jeito como ele se vestia, de seu ar desajeitado, do modo como dirigia. Michael se divertia com a irreverência de Jordie. Sentia que era capaz de ser ele mesmo perto do garoto. [...] Os dois provavelmente seriam uma dupla perfeita de bons amigos- se não fosse o fato de Jordie ter 13 anos e Michael, 34. (TARABORRELLI, 2009, p. 439).

Essa grande diferença de idades gerou muita polêmica, afinal, a relação dos dois era parecida com a relação pai e filho mas no entanto eles não tinham o mesmo sangue e possuíam rotinas muito diferentes. Para ser apenas uma amizade tinha muito amor e companheirismo de ambas as partes e para virar um caso de pedofilia, segundo depoimentos, havia muito respeito do maior com os familiares do menino. Essas dúvidas que rodeavam o relacionamento de Jordie e Michael Jackson geraram uma desconfiança enorme vinda de quem observava a situação sem

conviver com os dois. Uma das pessoas que menos gostava da situação era o pai do menino, Evan Chandler.

Quando June telefonava para ele para contar dos passeios a Neverland, achava difícil acreditar que um artista mundialmente famoso tivesse tanto tempo disponível para passear com sua ex-mulher e seus filhos. June e Evan também vinham discutindo por causa do envolvimento de Evan na vida de Jordie; June não achava que Evan estava passando tempo suficiente com o filho. Evan discordava. [...] Em 22 de abril, para o desgosto de Evan, Michael levou June, Jordie e Lily para a Disneyworld, na Flórida. (TARABORRELLI, 2009, p.445).

Depois de três dias na Disney, Michael ficou na casa de June e mais uma vez dormiu na mesma cama que Jordie. Segundo Taraborrelli (2009) a primeira vez que a mãe de Jordie percebeu que os dois haviam dormido na mesma cama, ficou muito preocupada e pediu que Jordie promettesse nunca mais fazer aquilo. Depois, conversando com Michael acreditou que não tinha nada de mais, que Jordie apenas tinha ficado com medo de um filme e que o cantor só queria o proteger e dar segurança. Depois disso Michael teve uma atitude marcante. Devido a confiança que June tinha em Michael, ou dizia ter, o ídolo a presenteou com um bracelete de rubi e diamantes de 12 mil dólares. “‘Uma lembrancinha’, disse Michael a ela. ‘Não é nada. Adoro Você’”. (TARABORRELLI, 2009, p. 441).

Após voltarem da Disney Michael Jackson deu um computador de presente ao menino, o pai do garoto não gostou da atitude pois tinha planejado comprar o mesmo presente para seu filho e o cantor se antecipara. Mas mesmo assim Michael também já tinha conquistado Evan por ser legal com seus filhos. “Ele tinha sido carinhoso e atencioso com as crianças, engraçado, agitado de um modo ‘totalmente normal’, como lembrou Evan depois.” (TARABORRELLI, 2009, p. 448). Nessa mesma época, Michael pediu a ele que deixasse seu filho ir no segundo trecho da turnê *Dangerous*, a qual iria começar em 24 de agosto de 93.

Conforme o tempo foi passando e Michael foi se mostrando cada vez mais próximo do menino, “Evan deixou claro que queria dar um basta ao domínio que Michael tinha sobre Jordie, e que estava disposto a agir para que aquilo não acontecesse.” (TARABORRELLI, 2009, p.455) O pai de Jordie até chegou a pedir ajuda para Dave Schwartz mas o padrasto não concordou com a idéia de interferir na relação entre Michael Jackson e Jordie Chandler.

June Chandler Schwartz, a mãe de Jordie, por gostar muito do cantor também foi pressionada por Evan Chandler para acabar com o relacionamento dos dois. Certo dia, resolveu ligar para Michael com o intuito de conversar sobre o que realmente estava acontecendo entre ele e seu filho. Segundo Taraborrelli, Michael, já revoltado com as desconfianças vindas da família Chandler, mostrou-se muito frio e não quis conversar com ela, pediu-lhe que se quisesse falar sobre algo, que conversasse com seu advogado. Depois da atitude de Michael, June ficou chocada devido ao fato de ela e ele serem muito amigos.

Ela decidiu que tinha de concordar com o ex-marido quanto a proibição de que Jordie visitasse Michael, pelo menos naquele momento e decidiu não acompanhá-lo na turnê, concordou até em deixar Evan com a custódia de Jordie 'por um tempo'. (TARABORRELLI, 2009, p. 462).

O fato de June ter concordado com Evan foi uma traição muito grande para o cantor, um decepção. Perante os acontecimentos ao longo de sua vida podemos perceber que Michael nunca pôde ter uma amizade normal com alguém comum, muito menos com alguém "incomum" como era o caso das crianças que se aproximavam dele. A maioria de suas atitudes eram vigiadas e qualquer ato que pudesse render benefícios à alguém, por mais que fosse negativo para a carreira do astro, era "congelado com flechas" e explorado até trazer vantagens.

O caso de abuso sexual pode realmente ter acontecido, mas não é o que a maioria das pessoas que conviviam com Michael acreditam. "Michael era amado pelas crianças e também as amava. George Lucas conta que as primeiras palavras de sua filha foram: Michael Jackson". (CROCIATTI, 2009, p.118). Ainda de acordo com Crociatti (2009) além de após cada turnê o ídolo destinar parte do seu lucro para obras assistenciais, no ano de 1992, antes de conhecer Jordie, o artista pop criou a Heal the World Fundation com o objetivo de ajudar crianças no mundo todo ameaçadas pela fome, pelas guerras e por doenças. Ainda se baseando em opiniões a respeito do cantor: "O ex-guarda-costas de Michael, Matt Fiddes, disse: Ele era um sujeito que fazia de tudo para ajudar os doentes. Uma noite, em Londres, ele quis ver pessoas sem teto. Mandou uma porção de pizzas em segredo. O cara tinha um bom coração". (CROCIATTI, 2009, p. 103).

Randy Taraborrelli, em seu livro *Michael Jackson: A magia e a loucura* conta que Durante uma entrevista à Oprah Winfrey em 1993 "Elizabeth Taylor fez uma aparição de surpresa como se estivesse só dando uma passadinha, e declarou

que Michael 'é o homem menos estranho que já conheci.'" (TARABORRELLI, 2009, p. 435). Mesmo sabendo-se do amor de Michael Jackson por crianças, de sua educação religiosa forte e sua carência familiar e infantil acentuada "O direito de ser simplesmente humano foi algo que o mito, o gênio, o ícone, o marco da nossa era Michael Jackson nunca pôde experimentar." (CROCIATTI, 2009, p. 138).

Apesar do grande histórico de bondade, amor e preocupação que Michael Jackson dedicava a pessoas e crianças, Evan Chandler não acreditou que a convivência do cantor com seu filho Jordie Chandler fosse apenas amizade. Segundo Taraborrelli (2009), Evan era dentista e no dia 2 de agosto de 1993 levou o filho até sua clínica em Beverly Hills para extrair um dente que estava com problemas e para isso lhe deu a droga Amytal Sódico. O Amytal é para uso anestésico. "De fato grande parte dos médicos afirma que os pacientes ficam extremamente suscetíveis a sugestões quando estão sob a influência da droga". (TARABORRELLI, 2009, p.463).

Evan, então, aproveitou o momento para perguntar se Michael havia tocado no seu pênis, Jordie, sob efeito da droga respondeu que sim. Evan já desejava acabar com a aproximação dos dois há tempo e depois da declaração do filho:

[...] Afirmou que só precisava da confissão de Jordie para que pudesse, sem peso na consciência, ir atrás dele. Não havia muito o que fazer, se de fato, era verdade que Michael tinha tocado no pênis de Jordie. Mas Evan acreditava que houvesse mais coisa. De qualquer jeito, não precisava de todos os detalhes, disse. O que interessava é que tinha o que queria: a corda no pescoço de Michael. Mas persistia a dúvida: até onde era verdade aquilo que Jordie tinha confessado sob efeito de uma droga psiquiátrica? (TARABORRELLI, 2009, p. 464).

Tudo é possível, e toda a história de amor que Michael Jackson construiu pode ter sido apenas uma estratégia para cultivar a pedofilia sem desconfianças. Se ele molestou sexualmente o menino, não se sabe porque há várias versões para o caso. A respeito do resultado do julgamento, Taraborrelli (2009, p. 513) afirma:

[...] Duzentos júris haviam interrogado mais de duzentas testemunhas, incluindo trinta crianças que tinham sido amigas de Michael. Não foi encontrada uma única testemunha que pudesse corroborar a história de Jordie Chandler, e, sem outras testemunhas o caso contra Michael estava enfraquecido. Será que Michael podia contar com a eterna lealdade das crianças com quem fez sexo? Ou todos os profissionais que investigaram o cantor eram incompetentes? Ou seria possível que ele fosse inocente?

Em alguns momentos do desenrolar da história, o que parece é que Evan Chandler queria apenas se vingar de Michael pelo astro ter dado mais importância a seu filho do que ele próprio havia dado e ser beneficiado financeiramente às custas de algo negativo que supostamente o cantor teria feito contra Jordie. Em outros momentos, a fragilidade do temperamento de Michael parece esconder alguém com sérios problemas psicológicos, problemas que parecem até chegar à pedofilia. Após Michael passar pelo constrangimento de ser obrigado a ficar nu na frente de agentes policiais, fotógrafos e médicos para fazer um exame que fazia parte das investigações, o cantor resolveu pagar uma quantia milionária e não falar mais em Evan e em sua família.

[...] Em 25 de janeiro de 1994, Michael Jackson aceitou pagar 22 milhões de dólares a Jordie Chandler, June Chandler-Schwartz e ao advogado Larry Feldman. Vinte milhões foram destinados a Jordie. Evan e June receberam um milhão, cada. Larry Feldman, por fim, recebeu, dos três, cinco milhões pelos seus serviços. O dinheiro de Jordie seria depositado num fundo de rendimentos e pago, ao longo dos próximos anos, por um curador escolhido pelo tribunal. (TARABORRELLI, 2009, p. 515).

Mesmo com tantos fatos polêmicos em sua vida, Michael Jackson deixou saudades por seus feitos musicais. Ele ganhou aproximadamente 200 prêmios de grande relevância mundial e se tornou o artista mais premiado em vida, de toda a história. (Crociatti, 2009).

Coleção de recordes em prêmios e em escândalos, essa foi a vida de Michael Jackson. Entre outros escândalos do *popstar*, está a cena marcante onde ele aparece na janela de um hotel segurando seu filho recém nascido com um pano na cabeça do bebê fazendo uma atitude de quem ia jogar o menino lá de cima.

A maioria das pessoas no mundo todo ficou chocada com a atitude do astro do *pop*, e o gesto de Michael foi considerado um grande desequilíbrio emocional, desequilíbrio refletido também na sua imagem. Michael Jackson fez inúmeras cirurgias plásticas, não aceitava o próprio corpo, sua cor e nem seus traços étnicos. Foi se transformando em um ser humano montado, quase um brinquedo o qual, segundo Crociatti, parecia-se com a imagem do personagem Peter Pan, do *Walt Disney*.

No entanto, a versão mais aceita por especialistas para a obsessão do astro em transformar seu rosto é a de que ele tentava, sem ter consciência, se

tornar o mais diferente possível de seu pai Joseph Jackson. (CROCIATTI, 2009, p.45).

Mesmo se envolvendo em vários escândalos e tendo um perfil psicológico complexo refletido em suas falas e atitudes, conforme pudemos perceber após a morte do artista, grande parte da população mundial ficou em choque e sentiu a perda do ídolo. Um dos primeiros fatores que comprovam isso é a busca do público por notícias, procuradas através do site *Google* e, no Brasil, a maneira como a revista *Veja* se comporta perante o sentimento de luto de seus leitores. No próximo capítulo veremos algumas matérias da revista para estudarmos o resultado de seus textos de acordo com o que estudamos até o momento.

4 ANÁLISE

4.1 CORPUS

Podemos comparar a vida de Michael Jackson com um filme repleto de emoção, dedicação, conflitos e faces. Faces contraditórias de alguém que, segundo Taraborrelli (2009, p. 454) “era capaz de passar da calma à fúria em segundos”. As marcas de sua música, de suas atitudes e personalidade forte ficaram para alimentar a memória e nos fazer lembrar como era o perfil do rei do pop.

Junho de 2009 foi o mês no qual Michael Jackson se preparava para o início de sua última turnê, chamada “*This is it*” e nesse mesmo mês o artista faleceu. De repente aquele astro, gênio, pedófilo, tarado, artista, maluco, do bem, não existia mais e os milhares de adjetivos que o cercavam passavam a ser reavaliados. Afinal, o ídolo morreu e o momento era de luto.

Como sabemos que dentro da análise do discurso a definição do *corpus* deve ser uma das primeiras atitudes, é isso o que faremos. O *corpus* dessa pesquisa é baseado em matérias, notas e reportagens, publicados pela Revista Veja, sobre o caso Jordie Chandler, ocorrido em agosto de 1993, e notícias após a morte de Michael Jackson, em julho de 2009. Durante esses dois períodos, muitos textos e matérias foram feitos e é neles que nossa pesquisa irá se basear:

[...] A análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do *corpus* e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza. Daí a necessidade de que a teoria intervenha a todo momento para “reger” a relação do analista com o seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação. (ORLANDI, 1999, p. 64).

Com o propósito de saber se existe e qual é a re-significação na textualidade discursiva da revista *Veja* após a morte do cantor Michael Jackson, e se após a morte do mesmo silenciam-se os aspectos negativos relacionados à pedofilia, para como esperado socialmente torná-lo herói, partimos para o recorte do *corpus*.

4.2 RECORTE

Neste momento mostraremos a seleção dos materiais nos quais iremos nos focar. Esse recorte diz quais são os textos analisados dentro de nossa pesquisa, entre eles estão: algumas notas, matérias e reportagens que de alguma forma se referem ao caso em que Michael Jackson foi acusado por abuso sexual e pedofilia em 1993. Dentro desses textos veremos sua textualidade, os silênciamentos, o não dito e a re-significação da imagem do cantor após a sua morte.

Esse material é extraído da revista *Veja*, pois como já dito anteriormente, nosso objetivo é focar a publicação impressa de notícias em uma das revistas mais abrangentes e vendidas do país.

Analisaremos a matéria “*Onde está Michael?*” publicada em 24 de novembro de 1993 na edição 1315, da revista *Veja*, a matéria “A vida como ela é”, da edição 1326, publicada no dia 9 de fevereiro de 1994 e uma nota da edição 1324 publicada no mesmo ano e mês. Outra nota do ano de 1994 que analisamos foi “No circo das aparências” publicada em agosto, na edição 1352.

Depois de ver as sequências discursivas de 1993 e 1994 partiremos para uma matéria de capa da edição 2119 publicada em 1 de julho de 2009 . A matéria tem como título “Michael Jackson: *Uma lenda envolta em mistério, dentro de um enigma*” e para finalizar nossa análise nos basearemos também em um pequeno texto sobre Michal Jackson na edição 2145, última revista *Veja* publicada em 2009.

Antes de partirmos para a análise é importante ressaltar que por meio desta monografia, eu, como sujeito analista torno-me produtora de conhecimento. Não só no tema da monografia mas em toda a pesquisa como: nos autores escolhidos; no recorte do corpus e na escolha das sequências discursivas, existe uma interferência do sujeito-aluno. Essa interferência muitas vezes é demonstrada através da sua interpretação que, depende do meio social, da ideologia e do contexto histórico.

4.3 SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS

A fim de iniciarmos nossa análise para saber um pouco mais sobre a textualidade discursiva da revista veja em torno do caso Jordie Chandler envolvendo Michael Jackson, começaremos por uma matéria de 1994. Onde está Michael? Este é o título. Localizada dentro da edição número 1315, fala sobre o local onde Michael se encontra após ter sido acusado de abuso sexual e pedofilia por Evan Chandler, pai do Jordie.

Sequência 1

Onde está Michael? Acusado de molestar crianças e viciado em remédios, o astro cancela a turnê Dangerous e desaparece do mapa.

Revista Veja, edição nº 1315, 25 de novembro de 1993. Onde está Michael? p.108.

As primeiras palavras do texto fazem o leitor ter a idéia de que o cantor é um fugitivo, pois para o leitor que sabe que ele é acusado de abuso sexual, somente com a expressão: “desaparecer do mapa” pode chegar à conclusão de que o cantor tem culpa e fugiu por medo. Depois de ler o título e a linha de apoio texto inicia-se trazendo informação sobre a carreira e dados sobre o cantor.

Sequência 2

Quando Michael Jackson iniciou sua turnê batizada de Dangerous, há um ano e meio, seus fãs prepararam-se para uma nova rodada de shows espetaculares. Jackson, a mega estrela dos 150 milhões de discos vendidos, o cantor a quem o contrato celebrado com a Sony poderia render a estratosférica quantia de 1 bilhão de dólares em alguns anos, o ídolo dos jovens e decano dos excêntricos, estava no ponto para consolidar seu lugar como o músico mais popular do planeta.

Revista Veja, edição nº 1315, 25 de novembro de 1993. Onde está Michael? p.108

Na sequência 2 (início da matéria), percebe-se a construção de um texto que usa as mais positivas informações para enaltecer a carreira de Michael Jackson e fazer com que o sujeito-leitor veja a vida do cantor como uma show de boas notícias

que o próprio artista construiu. De repente a continuação das informações ganha outro tom.

Sequência 3

Nos últimos meses no entanto, o show que Jackson vem proporcionando ao mundo é bem diferente. Acusado de abuso sexual pelo garoto americano Jordan Chandler, de 13 anos, abandonado por seu generoso patrocinador, a Pepsi-Cola, cancelando shows como quem desiste de ir ao cinema, Jackson mergulhou numa crise pessoal e profissional sem precedentes, que o levou a simplesmente desaparecer do mapa.

Revista Veja, edição nº 1315, 25 de novembro de 1993. Onde está Michael? p.108

Essa maneira de escrever novamente traz o mesmo sentido do título e da linha de apoio da matéria. O tom usado na primeira frase faz com que tenha-se a única idéia de que o astro que sabe fazer show de música e dança sabe também abusar de menores.

Desse modo o leitor que está lendo com uma certa rapidez não tem nem tempo de parar para pensar que pode não ter sido o cantor o culpado pelo show de escândalos. Perante a informação de que até o “generoso patrocinador” o “abandonou” pode-se crer que o artista cometeu todos as falhas pelas quais é acusado. E que cancela shows como quem desiste de ir ao cinema pois não dá importância a seus espetáculos.

Com as sequências podemos perceber os atravessamentos do sujeito no texto através de sua descontinuidade, o que deixa claro a heterogeneidade na matéria. Uma prova disso é quando o sujeito (quem escreve) retoma outras informações sobre os acontecimentos sem se atravessar no texto de maneira tão evidente. Esse é o caso da próxima sequência:

Sequência 3

No último dia 12, na Cidade do México, alegando precisar de tratamento médico urgente para uma dependência física de analgésicos, o cantor de 35 anos, anunciou o cancelamento das últimas etapas da turnê, que o levariam a Porto Rico, Índia, Indonésia e Austrália. Embarcou num jatinho particular sem revelar seu destino.

Revista Veja, edição nº 1315, 25 de novembro de 1993. Onde está Michael? p.108

Esta sequência tem bastante base informativa e por isso diferencia-se da anterior onde existe informação, mas o sujeito se manifesta de maneira mais forte. De acordo com essa mudança, Romão e Ferrarezi (2008, p. 23):

Inferimos que o sujeito assume uma posição dentre outras, podendo deslocar-se, migrar de uma posição a outra, romper com os sentidos dominantes, sustentá-los para depois rompê-los novamente, enfim o sujeito se movimenta em um processo de errâncias [...]

Com essa citação confirmamos a mudança de posições do sujeito já que segundo a AD isso acontece devido a existência do inconsciente e sua ideologia.

Sequência 4

Com o gesto, deixou claro que no momento só tem um desejo – esconder-se de tudo e de todos-, mas também despertou a suspeita de que talvez esteja querendo mesmo é escapar de prestar contas à justiça. O espetacular sumiço do cantor inaugurou a temporada de caça a Michael Jackson.

Revista Veja, edição nº 1315, 25 de novembro de 1993. Onde está Michael? p.108

O uso das palavras: esconder-se, suspeita, escapar de prestar contas a justiça, espetacular sumiço e temporada de caça mostra um texto cheio de adjetivos vindos da idéia do jornalista e com um pitada de sensacionalismo. Nesse trecho o sujeito parece acreditar que Michael Jackson é culpado e que sumiu espetacularmente para se esconder e não prestar contas à polícia. É essa idéia que se fixa na maioria dos leitores devido a força histórica das palavras usadas pelo sujeito- autor.

Sequência 5

Surgiram boatos de que estaria internado numa clínica para recuperação de drogados em Londres, num hotelzinho nos Alpes ou no chalé suíço de sua amiga Elizabeth Taylor, que embarcou com ele no vôo misterioso. A última leva de especulações da conta de que Jackson teria tentado suicidar-se, pressionado pela acusação de abuso sexual a uma criança.

Revista Veja, edição nº 1315, 25 de novembro de 1993. Onde está Michael? p. 108

Existe suspense nesse trecho e esse suspense reforça o pré- construído de pedofilia, dependência de analgésicos e desequilíbrio emocional. “Os boatos” citados no texto não apresentam fontes e criam uma imagem cinematográfica na cabeça do leitor. Lendo a sequência acima pode-se imaginar um filme. Michael Jackson drogado, pegando um vôo misterioso, indo para um chalé suíço e querendo se matar.

Sequência 6

O menino Jordan Chandler, num depoimento à justiça da Califórnia, em agosto, depois que seu pai abriu processo contra o cantor, fornece detalhes pormenorizados do tipo de relação que os dois teriam mantido. Ele alega que Jackson o convidou repetidamente a ir a sua casa, passou a insistir também para que dormisse em sua cama e, finalmente, o induziu a prática de masturbação e a sessões de sexo oral. Os advogados do cantor contra- atacaram: tudo não passou de uma milionária tentativa de chantagem feita pelo pai de Jordan.

Revista Veja, edição nº 1315, 25 de novembro de 1993. Onde está Michael? p.108-109

O jornalista não se atravessa de maneira muito intensa nesse fragmento discursivo e em alguns momentos é nítida sua tentativa de afastamento e busca pela informação embora novamente não cite as fontes.

Sequência 7

A coisa andava meio parada até que, na semana passada, a humilhação que se abateu sobre Michael Jackson ganhou um acréscimo quase grotesco. A justiça da Califórnia autorizou a polícia de Los Angeles a requerer um exame visual dos órgão genitais do cantor, para compará-lo com a descrição feita por Jordan Chandler. Segundo o garoto, a região genital Jackson apresenta manchas brancas.

Revista Veja, edição nº 1315, 25 de novembro de 1993. Onde está Michael? p. 109

Percebe-se aí o discurso jornalístico pois devido ao fato de sofrer interferências sociais, religiosas e até jurídicas no decorrer da história deve sempre aparecer da maneira mais neutra possível.

Sequência 8

Segundo especialistas, analgésicos de efeito rápido e contundente contêm substâncias como morfina e codeína, que ingeridas em pequenas doses mas ao longo de muitos anos, podem causar dependência. Jackson, no caso alegou que toma esse tipo de remédio desde que queimou o couro cabeludo ao gravar um comercial para a Pepsi, em 1984. Difícil é entender a conexão com o uso contínuo de analgésicos e queimaduras, que são realmente dolorosas mas que no caso dele não exigiram um tratamento de longo prazo. A suposta dependência é apenas o mais recente mal de um rosário que fez Michael Jackson cancelar seis shows nos últimos três meses. Em Cingapura ele teve enxaqueca, desidratação em Bancoc, dores musculares em Santiago do Chile, dor de dente no México e medo do terrorismo no Peru. A verdade é que o início das Mazelas de Michael Jackson e o cancelamento dos shows coincidem justamente com o estouro do escândalo de envolvimento sexual com uma criança.

Revista Veja, edição nº 1315, 25 de novembro de 1993. Onde está Michael? p. 109

O autor explica exatamente o que levou Michael Jackson a cancelar os shows, atitude que não havia tomado na primeira vez em que se referiu aos cancelamentos de seus shows.

Nessa parte o autor se mostra sujeito pois foi interpelado pela ideologia. Com sua maneira de se mostrar no texto fez com que o leitor pudesse formular uma idéia de que o artista cancela shows por qualquer motivo. Se realmente era isso que acontecia não se sabe, mas foi esse o sentido produzido.

Nessa mesma página onde informa que Jackson alegou ingerir analgésicos com morfina e codeína existe uma nota que tem como título “Um coquetel letal”, ela informa sobre a morte do cantor River Phoenix por ingestão de drogas:

Sequência 9

Um coquetel letal. Cocaína Morfina e tranqüilizantes: essa foi a receita do que, na madrugada de 31 de outubro, detonou o ator americano River Phoenix, de 23 anos na porta de uma boate em Los Angeles. A informação foi divulgada na semana

passada pela polícia e finalmente esclarece a morte abrupta do jovem ator de Indiana Jones e a Última Cruzada e Garotos de Programa. Revela também um aspecto contraditório da personalidade de Phoenix. Em público ele era a própria imagem da geração saúde e pregava causas nobres, não comia carne e recusava-se a usar roupas ou sapatos de couro, tudo em protesto contra a matança. Na intimidade parecia recorrer às drogas em quantias brutais.

Revista Veja, edição nº1315, 25 de novembro de 1993. "Um coquetel letal" p.109

Para quem absorveu as informações sobre a matéria "Onde está Michael?" esse trecho da nota que informa a morte do ator Phoenix traz o falecimento de alguém que se parece muito com o que relata o autor da matéria. Embora tenha se referido ao cantor como astro, o jornalista finaliza o texto como quem dá a deixa a outra fala, e nesse caso, é a fala que informa a morte do ator River Phoenix, como mostra a próxima sequência:

Sequência 10

Enquanto apenas criava girafas no jardim, deitava-se em câmaras de rejuvenescimento e brincava com ursinhos de pelúcia, ele granjeava fama de adulto excêntrico. Agora enrolado com menores e supostamente viciado em remédios, virou um problema- para ele, para seus fãs e para seus patrocinadores.

Revista Veja, edição nº1315, 25 de novembro de 1993. Onde está Michael? p.109

A palavra "apenas" parece um deboche pois depois dela vem uma série de atitudes incomuns e na maioria das vezes nos remete a algo simples, comum. Como já falamos a cima, a finalização da matéria parece uma preparação para a nota localizada na parte inferior da página.

Essa relação dos dois textos (de proximidade e semelhança entre assuntos), colabora para fortalecer a ligação do nome de Michael Jackson à atitudes negativas. Não é apenas nesse momento que a revista Veja coloca o astro da música pop em conjunto com aspectos negativos da sociedade.

Embora ninguém tenha certeza de que Michale Jackson era pedófilo, homossexual ou tarado, a possibilidade de a maioria dos leitores da revista Veja se questionarem a respeito da inocência de Michael Jackson é quase nula. A importância negativa que é destinada a cada atitude tomada pela celebridade e a

tentativa de neutralidade que os jornalistas da revista *Veja fazem*, revelam a heterogeneidade do texto que pode influenciar na formação de semelhantes visões.

Na edição número 1326 da revista, publicada em fevereiro de 1994 a foto do astro aparece em uma coluna vertical localizada no centro da página a qual recebe o título: “Crimes de arrepiar”. Entre os crimes de arrepiar, encontra-se o nome de Lorena Bobbitt que decepou o pênis do marido, os irmãos Lyli e Erik Menendez que assassinaram o pai e a mãe e Michael Jackson, acusado de abuso sexual. Matéria completa no anexo B.

Sequência 11

Em junho de 1993, a manicure Lorena Bobbitt decepou o pênis do marido com um facão de cozinha. Ela se disse vítima de maus tratos e foi absolvida. Provisoriamente num hospital psiquiátrico, Lorena tem recebido muitas cartas de amor.

Revista Veja, edição nº 1326, 9 de fevereiro de 1994, “A vida como ela é” p.31

Na sequência a cima podemos perceber que se trata de um crime que envolve o assunto sexualidade.

Sequência 12

Os irmãos Lyli e Erik Menendez assassinaram o pai e a mãe a tiros, em 1989, e torraram boa parte da herança milionária. Presos alegaram que o pai molestava sexualmente o caçula, Erik. O primeiro julgamento terminou empatado.

Revista Veja, edição nº 1326, 9 de fevereiro de 1994, “A vida como ela é” p.31

Na sequência número 12, também percebemos o problema de abuso sexual seguido de crime. O que acontece é que as duas sequências anteriores à foto de Michael Jackson parecem “preparar” o leitor para mais um crime mas o fato é que Michael Jackson, como mostra a sequência a baixo, tinha sido acusado de abuso sexual, o que até hoje, não foi comprovado.

Sequência 13

O cantor Michael Jackson foi acusado de abusar sexualmente do menino Jordan Chandler, de 13 anos. Há duas semanas o cantor e suposto homossexual pedófilo, fechou um acordo com o qual teria pago 20 milhões de dólares pelo silêncio do

menino.

Revista Veja, edição nº 1326, 9 de fevereiro de 1994, p.31

Os mini textos citados se localizam abaixo de uma foto de cada “criminoso”. Assim, o sentido gerado ao ver Michael Jackson na coluna dos crimes de arrepiar é que ele é mais um dos bandidos. Esse é o efeito de sentido gerado pela matéria.

Outro importante ponto do texto é a negociação de Michael com a família Chandler. Normalmente quando se faz um acordo financeiro para pagar o silêncio de alguém, é porque esse alguém ainda não falou nada. No caso de Jordie e Michael a denúncia já havia sido feita e a acusação era notícia mundial. Ou seja: Não havia mais “silêncio à venda”. A frase reforça o sentido de que o cantor realmente abusou do menino e preferiu pagar para não ser preso.

A edição anterior à do dia 9 de fevereiro também falou sobre Michael Jackson, e o assunto novamente foi a acusação de pedofilia (Anexo C). A nota localizada à direita, da página direita da revista informa:

Sequência 14

ANUNCIADOS: Um acordo financeiro entre Michael Jackson e a família do garoto Jordan Chandler, de 14 anos, que acusa o popstar americano de tê-lo molestado sexualmente durante um relacionamento que durou vários meses. A denúncia do menino veio a público no ano passado, durante a turnê mundial de Jackson, detonando um escândalo que o levou a cancelar vários shows internacionais e passar várias semanas escondido em clínicas inglesas e americanas alegando uma dependência de analgésicos. As cifras foram mantidas em segredo, mas especula-se que podem ir de 5 a 30 milhões de dólares a ser pago ao longo de dez anos à família Chandler. Teoricamente o acordo encerra o processo civil, mas não o criminal. Como um menor de idade, contudo, não pode ser obrigado judicialmente a depor nesses casos, considera-se que Michael Jackson se safou dos problemas com a lei. Dia 21, em Los Angeles.

Revista Veja, edição nº 1325, 2 de fevereiro de 1994, “Anunciados”p. 92

O Anunciado informa o que a sequência anterior faz questão de relembrar. No final a palavra “safou” novamente gera um sentido negativo, pois perante a sociedade, se safou quem comete erros e tem sorte por não ser punido.

Após ler essa informação, pode se ter certeza de que Michael Jackson é culpado e se deu bem. A edição n 1352, da revista *Veja*, publicada em 10 de agosto de 1994 traz, na parte inferior da página 77 outra nota informando o casamento de Michael Jackson.

Sequência 15

Na semana passada após dois meses de boatos, o casamento do astro pop Michael Jackson, 35 anos, com Lisa Marie Presley, 26 anos, filha herdeira de Elvis Presley, foi oficialmente confirmado pela noiva- ele aconteceu mesmo do dia 26 de maio passado perto de Santo Domingo, capital da República Dominicana.

Revista *Veja*, edição nº1352, 10 de agosto de 1994, “No circo das aparências” p. 77

A notícia da nota é que o casamento de Michael foi confirmado mas o detalhe é que na maior parte do texto expõe-se a antiga informação de que Michael Jackson foi acusado de pedofilia. O número total de linhas é 16, o jornalista usa apenas 4 para escrever sobre o casamento de Michael Jackson e Lisa Marie Presley, todo espaço restante é utilizado para mostrar o lado negativo do astro.

Sequência 16

É um casamento estranho. Em agosto do ano passado o pai do menino Jordan Chandler, à época com 13 anos, abriu um processo na justiça contra Jackson, acusando-o de molestar sexualmente o filho. O cantor teria se valido de sua amizade com o menino para obrigá-lo à prática de masturbação e sexo oral. Nos meses seguintes surgiram várias testemunhas de que Michael Jackson costumava convidar meninos à sua casa, fotografava-os nus, dormia com eles e os escondia nas dependências de empregados quando algum parente o visitava.

Revista *Veja*, edição nº1352, 10 de agosto de 1994, “No circo das aparências” p. 77

Após a notícia do casamento existe um atravessamento do sujeito, uma frase que expõe opinião: “É um casamento estranho”, a frase remete à

desconfiança e é isso que a maioria dos leitores sentem ao ler. Logo depois o discurso jornalístico volta para os fatos, época, número e detalhes.

Seqüência 17

Agora Jackson tem uma esposa. Pode ser para valer. De qualquer maneira é muito conveniente.

Revista *Veja*, edição nº1352, 10 de agosto de 1994, “No circo das aparências” p. 77

No final do texto o sujeito volta a aparecer claramente. E em seu comentário: “De qualquer maneira é muito conveniente” ele reforça o sentido gerado pela primeira frase da seqüência anterior. “É um casamento estranho” esse é o pensamento que fica em relação a nota sobre o casamento do cantor.

Outro fator importante é que de um lado do texto está a foto de Lisa Marie Presley com a seguinte legenda: “*Lisa: casório confirmado*”. Ao lado direito da página está a foto de Michael a qual possui a legenda: *Jackson: salvando a imagem*.

Se o leitor levar o olhar diretamente para as legendas, depois ler o título: “*No circo das aparências*” e já tiver o pré-construído de que o astro do pop foi acusado de abuso sexual contra Jordie Chandler, com certeza pode chegar à conclusão de que tudo não passa de um circo de aparência e que Michael está com o casamento marcado para salvar sua imagem de pedófilo, homossexual. Texto e fotos no anexo D.

Jordie Chandler foi o primeiro de outros casos de pedofilia envolvendo Michael Jackson e, nesse caso, o cantor da música pop foi considerado inocente pela justiça, por falta de provas. (TARABORRELLI, 2009).

A partir de agora analisaremos a reportagem da capa da edição nº2119 da revista *Veja*, publicada em 1 de julho de 2009, após a morte de Michael Jackson. Podemos observar que a capa (ANEXO E), utiliza a ausência de cor, o preto. No centro da folha aparece apenas uma luva, a mais marcante da carreira do cantor. Uma luva branca, reluzente. A baixo da imagem da mão de Michael Jackson, seu nome, o ano de nascimento e de falecimento. Antes de abrir a revista e ler a matéria, o sentimento é de pesar, pois já na capa o espaço é de luto. Logo, vem a nitidez do sentimento de que realmente o ídolo não existe mais.

“*Uma lenda envolta, em mistério dentro de um enigma*” esse é o título da reportagem de Sérgio Martins que se inicia com as seguintes palavras:

Sequência 18

A música popular americana deu origem a três ídolos incontestáveis no século passado. Frank Sinatra foi... Frank Sinatra. Elvis Presley foi a cintura e o topete do rock. Michael Jackson, o terceiro, inventou a música pop- e não há exagero nessa afirmação. Ele derrubou uma das últimas barreiras que restavam entre brancos e negros nos Estados Unidos, desde o movimento dos direitos civis nos anos 60. Em vez de música para brancos e música para negros, agora havia sua fusão revolucionária de duas tradições. Jackson levou formas de dança das ruas à categoria de arte. Assombrou com seu estilo extravagante de se vestir, que definia, afinal, o que é um ícone pop: alguém que vive em um mundo em que as únicas regras a seguir são as próprias regras. Vendeu 750 milhões de discos, 100 milhões deles de Thriller, o álbum de maior sucesso da história da discografia mundial.

Revista *Veja*, edição nº2119, 1 de julho de 2009, “Uma lenda envolta em mistério dentro de um enigma” p.96

O início da abertura da reportagem traz apenas informações positivas sobre Michael Jackson. Compara-o com Frank Sinatra e Elvis Presley, traz seus recordes e a maneira extravagante de se vestir.

Na segunda parte da abertura o jornalista afirma que médicos e paramédicos falharam ao ressuscitá-lo. Nesse momento o sentido gerado é que a morte do cantor foi culpa de seus médicos. Existe, nesse momento um não dito, falta a informação de que o rei do pop era viciado em remédios e ingeriu comprimidos fortíssimos um pouco antes da parada cardíaca. Contudo essa informação só vem na terceira página da reportagem. A frase pode até gerar uma revolta contra os profissionais por parte dos fãs de Michael Jackson.

Sequência 19

Na quinta-feira passada Michael Jackson morreu, aos 50 anos, depois que seus médicos e paramédicos de Los Angeles Falharam em ressuscitá-lo de uma parada cardíaca. Estava longe dos palcos havia anos. Era visto como a personificação das deformações que a fama é capaz de imprimir, até mesmo fisicamente em quem vive dela. Numa paráfrase da frase célebre de Winston Churchill, Jackson continuará sendo uma lenda envolta em mistério, dentro de um enigma. No momento de sua morte, contudo, voltou a ser o que foi na maior parte de sua vida: um ícone.

Revista *Veja*, edição nº2119, 1 de julho de 2009, “Uma lenda envolta em mistério dentro de um enigma” p.96

Após falar das deformações físicas de Michael, o jornalista Sérgio Martins retoma a idéia de lenda, mistério e enigma. Essa pode ser uma maneira de silenciar as acusações de pedofilia e não colocá-las no início de seu texto. Fica a cargo de cada sujeito-leitor interpretar a frase de Winston Churchill.

A última frase da abertura da reportagem diz que no momento da morte de MICHAEL JACKSON, ele voltou a ser um ídolo, pois foi isso que foi na maior parte da vida. A frase é um modo de fazer com que se apague a forte imagem de homossexual pedófilo construída nos anos anteriores à sua morte.

A legenda das fotos da página 97 explica o local de cada imagem e faz um comentário:

Sequência 20

LUTO NO POP: Michael Jackson num show dos anos 90 e a homenagem dos fãs na calçada da fama: artista virtuoso e ser humano perturbado.

Revista *Veja*, edição nº2119, 1 de julho de 2009, “Uma lenda envolta em mistério dentro de um enigma” p.97

O porquê dessa expressão: “ser humano perturbado”, não se sabe. Aí percebe-se um discurso autoritário, ou seja: o sentido está fechado na opinião do jornalista autor da matéria. A expressão “ser humano perturbado” pode ser até mesmo uma maneira de se referir as acusações de pedofilia sem citá-las ou chamá-lo de pedófilo.

O que o sujeito-autor faz quando aparece no texto de uma maneira tão evidente, mostrando sua opinião e não trazendo informações é que deixa um espaço vazio para qualquer interpretação. Essa atitude se mostra como uma característica do jornalista pois na primeira página, quando ele se refere à “falha” dos médicos ainda não havia explicitado o que Michael havia feito poucas horas antes de morrer, como faz nessa sequência:

Sequência 21

A causa exata da morte só deverá ser conhecida em quatro a seis semanas,

quando serão divulgados os resultados de sua autópsia. Mas informações vindas de parentes e amigos do cantor sugerem que Jackson vinha abusando de analgésicos potentes. Segundo aventou na sexta-feira o canal de fofocas TMZ, entre eles estaria o demerol, um opiáceo sintético de ação similar à da morfina. Jackson teria tomado uma injeção poucas horas antes da parada cardíaca. Na classe dos opiáceos, só a heroína causa mais dependência que a meperidina, como é chamado o princípio ativo do demerol. Nas primeiras doses o efeito dura de seis a oito horas. “Se ele for consumido todos os dias, bastam duas semanas para o efeito do medicamento durar a metade disso”, diz Irimar de Paula Posso, anesthesiologista do Hospital das Clínicas em São Paulo. A parada respiratória ocorre porque o medicamento diminui a sensibilidade das células do sistema nervoso central que regulam a respiração.

Revista *Veja*, edição nº2119, 1 de julho de 2009, “Uma lenda envolta em mistério dentro de um enigma” p.98

Nessa sequência o discurso jornalístico novamente está em evidência, informações e dados enriquecem o texto mas mesmo expondo as informações sobre a ingestão de remédios e o tipo dos medicamentos, ainda existe o não dito do início da reportagem. Em nove páginas, o jornalista falou sobre abuso sexual apenas uma vez:

Sequência 22

Depois de vários anos sem fazer shows e da longa reclusão que se impôs desde que foi absolvido da acusação de abuso sexual de um garoto em 2005, o cantor estava prestes a retornar ao palco. No próximo dia 3 daria início a uma temporada de 50 apresentações em Londres.

Revista *Veja*, edição nº2119, 1 de julho de 2009, “Uma lenda envolta em mistério dentro de um enigma” p.100

E ainda nesse único momento em que se fala em abuso sexual, não se fala do caso Jordie Chandler, o mais marcante da carreira de Michael e o mais explorado pela *Veja*, nos anos 93 e 94.

A revista silencia o que aconteceu de mais negativo não falando uma determinada informação, mas falando outra. A expressão “absolvido da acusação”

vem antes da “abuso sexual”, ou seja: ameniza o acontecimento e já parte para outra informação.

Na página 101, depois da frase, “Por que ele foi grande” aparecem, na legenda de algumas fotos os feitos que marcaram a vida de Michael Jackson.

Sequência 23

MÚSICA: Com ele a música negra tornou-se a força dominante no pop. O artista mais bem sucedido hoje – Justin Timberlake, um branco – ainda bebe da sua fonte

Revista *Veja*, edição nº2119, 1 de julho de 2009, “Uma lenda envolta em mistério dentro de um enigma” p.101

A sequência 23 coloca Michael Jackson como responsável pelo feito de tornar a música negra dominante e até por fazer com que grandes artistas brancos ultrapassassem a barreira do preconceito e se espelhassem num cantor negro. Essa sequência reflete a importância dada às atitudes positivas de Michael Jackson dentro dessa edição da revista *Veja*.

Sequência 24

MODA E ESTILO: Seu visual foi moda nos anos 80. Depois disso o que sobressaiu foi sua excentricidade. Mas os brilhantes e o ouro de suas luvas e casacos tornaram-se parte do vocabulário da alta costura- até mesmo em desfile deste ano, de grifes como Louis Vuitton.

Revista *Veja*, edição nº2119, 1 de julho de 2009, “Uma lenda envolta em mistério dentro de um enigma” p.101

Esse último texto marca a importância positiva do ídolo até no modo de se vestir das pessoas.

Sequência 25

DANÇA: Depois de Michael Jackson, ser um bom dançarino tornou-se imperativo para qualquer astro masculino da música pop. Inspirando-se no Break, uma dança de rua, ele inventou seu próprio estilo no começo dos anos 80 – o moonwalk. O uso que Jackson fez de mocassins pretos com meias brancas- em tese, um pecado fashion- era uma homenagem ao uniforme dos bailarinos.

Revista *Veja*, edição nº2119, 1 de julho de 2009, “Uma lenda envolta em mistério dentro de um enigma” p.101

Nessa página, assim como nas próximas, são divulgadas apenas as atitudes que engrandecem Michael Jackson. Nas últimas sequências percebe-se que Michael Jackson é colocado como grande influência, não só no mundo da música, mas também na moda e na dança. Fica claro que na reportagem as informações que trazem as atitudes positivas do astro dominam o texto pois em momento algum se faz reflexão sobre a pedofilia, parte marcante na vida do astro. E quando se tenta falar sobre esse temperamento estranho do cantor, fala-se de forma sutil.

Sequência 26

Até 1996, ano em que foi ao Morro Dona Marta, no Rio de Janeiro, e ao Pelourinho, em Salvador, para gravar o clipe de They Don't Care about Us. Jackson ainda vivia no mundo real. Cada vez mais, porém ia sendo dominado pelo lado obscuramente infantilizado de sua personalidade, que o levaria, a certa altura, a se isolar em sua bizarra propriedade de Neverland – ou Terra do nunca, em referência ao lugar em que vivia Peter Pan, o garoto que não queria crescer. Esse Jackson, aberrante e patético encobriu o totem da revolução pop. Mas, com a sua morte ele renasceu.

Revista *Veja*, edição nº2119, 1 de julho de 2009, “Uma lenda envolta em mistério dentro de um enigma” p.104

Esse é o fim da reportagem, o qual nos remete à seu título “Uma lenda envolta em mistério dentro de um enigma”. A própria revista *Veja* colabora para o enigma trazendo a palavra mistério na abertura do texto e trazendo palavras que significam algo, dentro do texto e formam a textualidade do discurso.

De acordo com o que vimos na AD, “quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que à provê de realidade significativa” (Orlandi, 2004, p. 52)

Um exemplo disso é a frase: “Jackson ainda vivia no mundo real”. O discurso que sustenta essa expressão é o responsável por sua significação. Ou seja: após ler toda a reportagem o leitor vai interpretar esse final de texto baseado no que leu.

O último material analisado trata-se de um pequeno texto publicado na última edição da revista *Veja* no ano de 2009. Na página, a imagem de Michael

Jackson está em preto e branco, sua camisa esvoaçante e o corpo sustentado apenas pela ponta dos pés se parece com a figura de um anjo.

Sequência 27

Para encontrar o sucesso Michael Jackson teve que perder a infância. Seu pai era um músico frustrado que decidiu adestrar os filhos para ganhar dinheiro no showbiz. Assim nasceu o conjunto Jackson Five, nos anos 60, composto por quatro meninos incríveis e um extraordinário Michael. Sua voz aguda e afinadíssima emoldurada por um jeito de dançar que o fazia uma espécie de Fred Astaire da música negra, o projetou ao estrelato. Na década seguinte ele iniciou carreira solo, gravando músicas que entraram para as antologias de clássicos disco, como Off the Wall. Mas foi nos anos 80 que Michael se tornou rei, imperador, soberano, absoluto, com o álbum Thriller, que atingiu a marca não superada de 100 milhões de cópias vendidas ao redor do mundo. Como Thriller ele pulverizou a fronteira entre música negra e rock branco. Com Thriller, ele revolucionou a linguagem do videoclipe. A medida que a fortuna aumentava, no entanto, sua personalidade se desintegrava. Michael desconfigurou seu rosto com uma série de cirurgias plásticas, clareou toda a pele - de negro, tornou-se branco -, num procedimento até hoje cercado de mistérios. Cada vez mais esquisitão, transformou sua casa, batizada de Neverland (Terra do Nunca, em referência a Peter Pan, o garoto que se recusa a crescer) num parque de diversões. Depois de admitir que convidava crianças para dormir em seu quarto, enfrentou processos por pedofilia. No fim da vida, havia acumulado dívidas de 500 milhões de dólares e estava viciado em remédios. Tentou, enfim, achar a infância, sacrificando o sucesso.

Revista *Veja*, edição nº2145, 30 de dezembro de 2009, "Retrospectiva 2009, Memória" p.142

Michael não admitiu que convidava crianças para dormir no seu quarto mas sim na sua cama. A informação de que ele enfrentou processo por pedofilia após a confissão também não está correta. Michael admitiu que convidava crianças para dormir na sua cama depois de sofrer a primeira acusação por pedofilia.

A maneira como o texto foi construído traz uma resignificação da imagem de Michael Jackson, após sua morte tenta apagar qualquer fragmento que obscureça o "brilho" que pode o tornar herói perante a sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o término dessa análise pudemos perceber que Michael Jackson, quando acusado de molestar sexualmente o menino de 13 anos, Jordie Chandler, em 1993, a revista *Veja* dava ênfase à palavras negativas a respeito do cantor. Tentava silenciar qualquer outra atitude de Jackson e quando vinha alguma novidade sobre a vida do astro, junto com a nova informação, *Veja* recontava a história de que Michael Jackson havia sido acusado de pedofilia, reforçando assim um caráter negativo.

Depois que o rei do pop morreu, em junho de 2009, a revista *Veja* passou a se basear na trajetória artística do cantor. Apegou-se mais às suas criações dentro da música pop, seus recordes, suas inovações, sua dança e sua figura, no aspecto físico das transformações através de incontáveis cirurgias plásticas.

Nos anos de 1993 e 1994 a revista colocava o artista nas páginas de criminosos e comparava-o a um artista drogado. No ano de 2009 Michael Jackson é comparado a grandes nomes como Frank Sinatra e Elvis Presley. Além de colocá-lo em meio a dois grandes cantores, em dezembro do mesmo ano a foto do astro aparece ao lado da imagem de Claude Lévi-Strauss, importante antropólogo francês. A aparição das duas personalidades na mesma página forma um ambiente de visibilidade dentro da revista, pois os dois textos se encerram com comentários de nomes conhecidos mundialmente. A cantora Madonna e o ex-presidente francês Jacques Chirac são os personagens que incrementam com suas frases o texto que fala a respeito de Michael Jackson e Lévi-Strauss.

Devido a análise de todas essas sequências discursivas que marcaram a heterogeneidade das publicações impressas pesquisadas, na finalização deste trabalho pudemos observar que realmente existiu uma resignificação da imagem de Michael Jackson na textualidade discursiva da revista *Veja* após sua morte. Hoje, ele não está mais associado diretamente à visão de homossexual pedófilo que estava antes. A maneira como a revista silenciou essa fase da vida do artista, fez dar lugar a outras informações marcantes sobre a carreira de Jackson, como estudado, isso é o efeito do dito e do não-dito. Essas partes marcantes acabaram sendo “trocadas” pela parte negativa que o rondava nos anos de 1993 e 1994.

Se Michael Jackson era pedófilo não se sabe, talvez o título da última reportagem analisada se refira a isso, “Uma lenda envolta em mistério dentro de um enigma” também não se sabe o porquê de a revista mudar a maneira de tratar Michael Jackson.

Embora não tenhamos certeza, após estudar a morte e os processos pós morte, podemos entender que essa atitude da revista Veja é um reflexo das fases do luto. Afinal a morte está presente no pensamento da maioria das pessoas sejam crianças, adolescentes, adultos ou idosos, ou seja, o sentimento de medo existe. Por isso, sabemos que quando um ídolo do porte de Michael Jackson morre, mexe com a mente de toda uma sociedade, sente-se a perda mesmo ele não sendo um membro da família. Em nosso capítulo sobre o morrer vimos que, segundo Parkes (1998), a primeira fonte de força após o falecimento de alguém é a família e depois da família os amigos. Sabendo-se disso, fica a hipótese de a revista Veja querer ser, nesse ponto de vista a “família dos brasileiro” ou seja; ser cuidadosa, ver apenas o lado bom de quem já se foi, cultivar uma imagem de feitos positivos e respeitar a fase de luto de uma população.

Baseado nessa idéia podemos afirmar que essa pesquisa não se encerra aqui, ela não se esgota. Devido ao curto tempo de trabalho e estudos que tínhamos para a produção dessa monografia procuramos dar o primeiro passo para uma investigação que pode ir além do que foi colocado até o momento.

Com esse início poder-se-á ir a fundo no assunto morte perante as religiões, a sociedade, a filosofia e continuar pesquisando os processos da morte no psicológico. Além disso pode-se abranger um período maior dentro do recorte do corpus, abordando não só o caso Jordie Chandle, mas também outros casos de acusação de abuso sexual envolvendo Michael Jackson. Com o passar do tempo a revista Veja pode novamente voltar a se referir a Michael Jackson como fazia em 1993 e 1994. Para verificar se a revista ressignificou a imagem do cantor apenas devido ao período de luto é necessário continuar a pesquisa, o que pudemos perceber é que realmente houve uma mudança significativa na textualidade da revista após a morte do ídolo e essa mudança colaborou para como esperado socialmente torná-lo herói.

REFERÊNCIAS

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Editora brasiliense S.A., 2000.

CROCIATTI, Jonathan. **Michael Jackson: 50 anos do ícone do pop**. São Paulo: Planeta, 2009.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Claraluz, 2007.

FERRAREZI, Ludmila; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. O sujeito e a tessitura dos sentidos no discurso jornalístico. IN: ROMÃO, Lucília Maria Sousa GASPARG, Nádea Regina (Org.). **Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. P. 23-37.

GALLO, Solange Leda. **Autoria: questão enunciativa ou discursiva?** Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 1, n. 2, p. 61-70, jan/jun. 2001.

GOLDFARB, Delia Catullo. **Corpo, tempo e desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

MARIANI, B. S. C. . **Discurso e instituição: a imprensa**. Rua (UNICAMP), Campinas: Unicamp, v. 05, p. 47-62, 1999.

MELO, José Marques. **Comunicação: Direito à Informação**. Campinas: Editora Papyrus, 1986.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: Princípios e procedimentos**. 8ª ed. Campinas: Pontes, 2009.

_____ (Org.). **As formas do silêncio: No movimento dos sentidos**. 5ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

_____ (Org.). **Introdução às ciências da linguagem- Discurso e textualidade/** Suzy Lagazzi- Rodrigues e Eni P. Orlandi (orgs.) – Pontes Editores, 2006.

_____ (Org.). **Discurso e leitura**. Campinas: Editora da universidade Estadual de Campinas UNICAMP, 1996.

_____ (Org.). **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes Editores, 2008.

_____ (Org.). **Introdução as ciências da linguagem – Discurso e textualidade/** Suzy Lagazzi- Rodrigues e Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes editora, 2006.

PARKES, Colin Murray. **Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus, 1998.

REZENDE, Viviane de Melo. **Análise do discurso crítica/** Viviane de Melo Rezende e Viviane Ramalho. – São Paulo: Contexto, 2006.

TARABORRELLI, J. Randy. **Michael Jackson: a magia e a loucura**. São Paulo: Globo, 2009.

TORRES, Vilma da Costa. **Acriança diante da morte: desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

REVISTA VEJA: Jorge Bem Jor, ele voltou para animar a festa. São Paulo, ed. 1315, n. 47, ano 26, p. 108-109, nov. 1993. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/acervodigital /hom e.aspx](http://veja.abril.com.br/acervodigital/hom e.aspx)>. Acesso em: 08 ago. 2010.

REVISTA VEJA: Michael Jackson 1958-2009. São Paulo, ed. 2119, n. 26, ano 42, p. 96-104, jul. 2009. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital /home.aspx>>. Acesso em: 08 ago. 2010.

REVISTA VEJA: Morte digna. São Paulo, ed. 1352, n. 32, ano 27, p. 77, ago. 1994. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/acervodigital /home.aspx> >. Acesso em: 08 ago. 2010.

REVISTA VEJA: O povo desunido jamais será vencido. São Paulo, ed. 1326, n. 6, ano 27, p. 30-31, fev. 1994. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> >. Acesso em: 08 ago. 2010.

REVISTA VEJA: O que pensam, querem e fazem os militares. São Paulo, ed. 1325, n. 5, ano 27, p. 92, fev. 1994. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> >. Acesso em: 08 ago. 2010.

REVISTA VEJA: Retrospectivas, especial 2010. São Paulo, ed. 2145, n. 47, ano 42, p. 142-143, dez. 2009. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> >. Acesso em: 08 ago. 2010.

ANEXOS

ANEXO A – ONDE ESTÁ MICHAEL

SOCIEDADE

Onde está Michael?

Acusado de molestar crianças e viciado em remédios, o astro cancela a turnê Dangerous e desaparece do mapa

Quando Michael Jackson iniciou sua turnê mundial batizada de *Dangerous*, há um ano e meio, seus fãs prepararam-se para uma nova rodada de shows espetaculares. Jackson, a megaestrela dos 150 milhões de discos vendidos, o cantor a quem o contrato celebrado com a Sony poderia render a estratosférica quantia de 1 bilhão de dólares em alguns anos, o ídolo dos jovens e decano dos excêntricos, estava no ponto para consolidar seu lugar como o músico mais popular do planeta. Nos últimos meses, no entanto, o show que Jackson vem proporcionando ao mundo é bem diferente. Acusado de abuso sexual pelo garoto americano Jordan Chandler, de 13 anos, abandonado por seu mais generoso patrocinador, a Pepsi-Cola, cancelando shows como quem desiste de ir ao cinema, Jackson mergulhou numa crise pessoal e profissional sem precedentes, que o levou a simplesmente desaparecer do mapa.

No último dia 12, na Cidade do México, alegando precisar de tratamento médico urgente para uma dependência física de analgésicos, o cantor, de 35 anos, anunciou o cancelamento das últimas etapas da turnê, que o levariam a Porto Rico, Índia, Tailândia e Austrália. Embarcou num jatinho particular sem revelar seu destino. Com o gesto, deixou claro que no momento só tem um desejo — esconder-se de todos e de todos —, mas também despertou a suspeita de que talvez esteja querendo simplesmente escapar de prestar contas à Justiça.

O espetacular sumiço do cantor inaugurou a temporada de caça a Michael Jackson. Os jornais ingleses deram uma trégua à princesa Diana e se concentraram no assunto — o *The Sun* ofereceu uma recompensa de 15 000 dólares para quem desse uma pista de seu paradeiro. Surgiram boa-

tos de que estaria internado numa clínica para recuperação de drogados em Londres, num hotelzinho nos Alpes ou no chalé suíço de sua amiga Elizabeth Taylor, que embarcou com ele no voo misterioso. A última leva de especulações dá conta de que Jackson teria tentado suicidar-se, pressionado pela acusação de abuso sexual a uma criança.

EXAME GENITAL — O menino Jordan Chandler, num depoimento à Justiça da Califórnia em agosto, depois que seu pai abriu processo contra o cantor, fornece detalhes pormenorizados do tipo de relação que os dois teriam mantido. Ele alega que Jackson o convidou repetidamente a ir a sua casa, passou a insistir também para que dormisse em sua cama e, finalmente, o induziu à prática de masturbação e a ses-

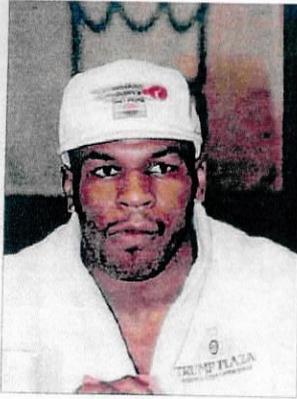


Jackson no palco e renovando contrato com a Pepsi no ano passado: adeus ao pom-pocismo e também ao patrocinador

sões de sexo oral. Os advogados do cantor contra-atacaram: tudo não passou de uma milionária tentativa de chantagem feita pelo pai de Jordan.

A coisa andava meio parada até que, na semana passada, a humilhação que se abateu sobre Michael Jackson ganhou um acréscimo quase grotesco. A Justiça da Califórnia autorizou a polícia de Los Angeles a requerer um exame visual dos órgãos genitais do cantor, para compará-los com a descrição feita por Jordan Chandler. Segundo o garoto, a região genital de Jackson apresenta manchas brancas. Pelo lado positivo, a informação confirmaria que ele sofre mesmo de vitiligo, uma disfunção crônica que deixa a pele descolorida, alegada por Michael para explicar, numa entrevista de TV dada no início do ano, o misterioso processo pelo qual se tornou cada vez mais branco. Do lado negativo, naturalmente, a confirmação poderia comprovar que o menino de fato o viu em situações bem íntimas. Ao longo da semana passada, como Jackson continuasse desaparecido, fontes da polícia de Los Angeles levantaram a suspeita de que tivesse se internado numa clínica para alterar a cor da pele e a aparência dos órgãos genitais, tomando-os assim diferentes da descrição de Jordan.

DOR DE DENTE — A dependência física de analgésicos, que Jackson alegou para cancelar a última etapa de sua turnê antes de esfumaçar-se, é reconhecida pela literatura médica. Segundo especialistas, analgésicos de efeito rápido e contundente contêm subs-



Tyson e Madonna: garotos-propaganda que ameaçaram o produto

Dangerous, tratou de anunciar que o casamento entre a empresa e o artista estava desfeito. O episódio repercutiu ainda mais longe no mundo dos negócios e ressuscitou o debate nos Estados Unidos sobre as vantagens e desvantagens de usar grandes astros como arma publicitária. Don Schultz, professor de marketing da

Northwestern University, acredita que o escândalo não deve comprometer a imagem da Pepsi-Cola, "embora as empresas devam saber que associações desse tipo sempre envolvem riscos".

A própria Pepsi-Cola está escaladada com esse tipo de parceria. A empresa, com uma imagem tradicionalmente conservadora, já patrocinou Madonna e teve de desistir do contrato depois que a cantora queimou uma cruz num videoclipe e despertou a ira de incontáveis entidades religiosas. Também já investiu dinheiro nos músculos do boxeador Mike Tyson, apenas para ver estampadas nos jornais as notícias de sua prisão por estupro. Desta vez, o caso é mais grave — afinal, Jackson é o astro mais popular do planeta e vinha ajudando muito na guerra da Pepsi com a Coca-Cola pela conquista de mercado no Terceiro Mundo. Enquanto apenas criava girafas no jardim, deitava-se em câmaras de rejuvenescimento e brincava com ursinhos de pelúcia, ele granjeava fama de adulto excêntrico. Agora, enrolado com menores e supostamente viciado em remédios, virou um problema — para ele, para seus fãs e para seus patrocinadores.

A crise pela qual passa o astro teve conseqüências instantâneas na máquina promocional que o cerca. Assim que soube das denúncias de Jordan, a Pepsi-Cola, que investiu 25 milhões de dólares na turnê

Um coquetel letal

Cocaína, morfina, maconha e tranquilizantes: essa foi a receita do que, na madrugada de 31 de outubro, detonou o ator americano River Phoenix, de 23 anos, na porta de uma boate de Los Angeles. A informação foi divulgada na semana passada pela polícia e finalmente esclarece a morte abrupta do jovem ator de *Indiana Jones e a Última Cruzada* e *Garotos de Pro-*

grama. Revela também um aspecto contraditório da personalidade de Phoenix. Em público, ele era a própria imagem da geração saúde e pregava causas nobres — não comia carne e recusava-se a usar roupas ou sapatos de couro, tudo em protesto contra a matança de animais. Na intimidade, precisava recorrer às drogas em quantidades brutais.

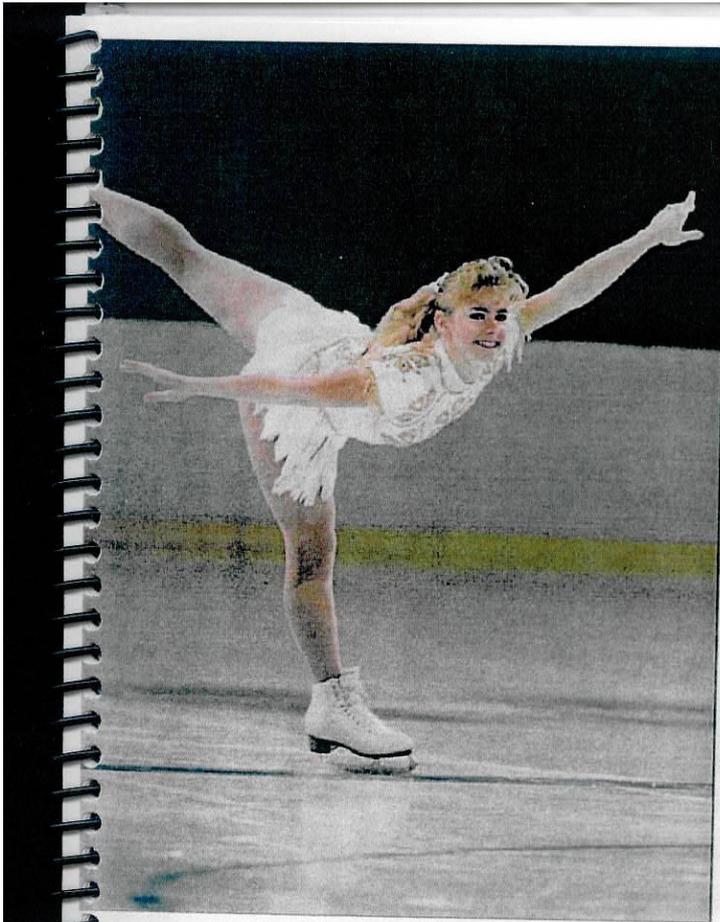
No jargão dos tóxicos, o que matou Phoenix foi uma *speed-*

ball, ou seja, a mistura de drogas não só fortíssimas como incompatíveis entre si. Os exames de sangue detectaram dosagens letais de cocaína e morfina, traços mais leves de maconha e a presença residual do tranquilizante Valium. No corpo de Phoenix não foram encontradas marcas de agulha, de onde se conclui que houve inalação ou ingestão das drogas.

River Phoenix: laudo revela morte por ingestão de quatro drogas



ANEXO B – A VIDA COMO ELA É



Tonya Harding (à esq.), o patinho feio; a bela Nancy Kerrigan, a patinadora de 1 milhão de dólares; e o marido de Tonya, que armou tudo e dedurou a mulher: trama para afastar a rival cria impasse na equipe olímpica



INTERNACIONAL

A vida como ela é

Casos reais como o julgamento de Lorena, a moça do facão, e o drama da patinadora Nancy Kerrigan mantêm americanos em clima de Aqui Agora

FLAVIA SEKLES, de Washington

A guerra come solta na Bósnia, o presidente Bill Clinton faz que não é com ele o escândalo Whitewater. Europa afunda na mais grave recessão desde a II Guerra, os sabichões discutem se retomada econômica dos últimos meses seguirá trazer de volta os empregos perdidos nos tempos de vacas magras. Os americanos estão preocupados com a nova

ordem mundial e os sérios problemas do país? Pode ser, mas não é essa a impressão que dão. Na semana passada, até mesmo funcionários de alto escalão do Departamento de Estado americano mantinham os olhos grudados na TV, à espera do desenlace do mais recente da série de bizarros casos de polícia que mantêm os Estados Unidos num clima de permanente *Aqui Agora*. No dia 6

de janeiro, um brutamontes agrediu Nancy Kerrigan, a morena de olhos verdes, esguia como um cisne, que era favorita para conquistar o título nacional na patinação artística no gelo. O golpe, com um bastão de metal, pegou no joelho direito, afastando-a da competição. Venceu Tonya Harding, o patinho feio, uma loura de porte afarracado e cara de má. Em três semanas de investiga-

ções, a polícia prendeu quatro mamonjos envolvidos na agressão, perpetrada, descobriu-se, a mando de Jeff Gillooly, o marido de Tonya. Na semana passada, Gillooly sustentou, na Justiça, que Tonya sabia de tudo. Mais: que ajudou a planejar o ataque para detonar a rival.

As duas patinadoras vieram da classe operária, mas são quase uma demonstração de manual da diferença que a família pode fazer. Filha de mãe cega, Nancy Kerrigan é incentivada, mimada e protegida pelos pais. Faz comerciais para marcas como as sopas Campbell, os relógios Seiko e os tênis Reebok. Ganha 1 milhão de dólares por ano. Nas horas vagas trabalha voluntariamente com crianças cegas. Tonya Harding é filha de um dos seis casamentos da mãe, gosta de tirar rachas de carro e de jogar sinuca. Seu casamento com Gillooly, aos 19 anos, freqüentou muito mais o noticiário policial do que as colunas sociais. Os dois já se engalfinharam em público e até trocaram tiros. Duas vezes, ensaiaram o divórcio, com direito a boletim de ocorrência.

No próximo sábado, 12, começa em Lillehammer, na Noruega, a Olimpíada de Inverno de 1994. Na equipe olímpica americana só há lugar para duas patinadoras. Por uma questão de honra, uma das vagas pertence a Nancy, que voltou a treinar e pode até surpreender nas pistas. A outra seria automaticamente de Tonya — bem ou mal, com Nancy fora do páreo, ela venceu o campeonato nacional. Ainda não existe nenhuma acusação formal contra Tonya, que jura inocência — sob severo interrogatório do FBI, só admitiu que ficou sabendo do atentado depois e fechou o bico. A pergunta é: implicada como parece estar no ataque contra a rival, Tonya deve fazer parte do time? Jeff Gillooly, o marido de Tonya, entregou a mulher à polícia em troca de um acordo que lhe permitirá sair dessa enrascada com uma pena leve (no máximo, dois anos de cadeia). O comitê olímpico americano tem até 21 de fevereiro para decidir se Tonya participará ou não das competições. "Deus está do meu lado e tudo vai dar certo", disse a patinadora, na semana passada, depois de um tremo em que foi aplaudida por milhares de fãs.

A trama sórdida para afastar Nancy Kerrigan é apenas a mais recente coqueluche no país, que, há pelo menos seis meses, acompanha com

fervor de brasileiro viciado em telenovela o desenrolar de alguns enredos sensacionais. Quando em Washington se debatem assuntos complicados, como política externa e a reforma do sistema de seguros de saúde, o público bocejia. Durante a primeira visita oficial de Clinton à Europa, no mês passado, a maioria dos americanos mal sabia que

ele havia deixado o país. Estavam todos mesmerizados pelo julgamento de Loren Bobbitt, a manicure equatoriana que cortou o pênis do marido, o ex-fuzileiro naval John Bobbitt.

Os momentos mais apimentados do julgamento tiveram transmissão ao vivo pela rede de televisão CNN. A certa altura,

CNN interrompeu a transmissão para mostrar as imagens de Clinton com o presidente ucraniano Leonid Kravchuk. A notícia era importante: Ucrânia, terceira potência nuclear do planeta, concordara em abrir mão de seu arsenal atômico. Quase 600 telespectadores ligaram para protestar contra a interrupção. A defesa alegou que Lorena fora vítima de abusos sexuais e agressões freqüentes e agir num "momento de insanidade". No final, foi absolvida e despachada por 45 dias de férias numa clínica psiquiátrica. Aparentemente, a opinião pública também a inocentou. Loren já recebeu dezenas de cartas de admiradores (todos homens), convidando-a para "se conhecerem melhor" de pois que ela sair do hospital.

Crimes de arrepiar



Em junho de 1993, a manicure Lorena Bobbitt decepou o pênis do marido com um facão de cozinha. Ela se disse vítima de maus-tratos e foi absolvida. Provisoriamente num hospital psiquiátrico, Lorena tem recebido muitas cartas de amor



Os irmãos Lyle e Erik Menendez assassinaram o pai e a mãe a tiros, em 1989, e torraram boa parte da herança milionária. Presos, alegaram que o pai molestava sexualmente o caçula, Erik. O primeiro julgamento terminou empatado



O cantor Michael Jackson foi acusado de abusar sexualmente do menino Jordan Chandler, de 13 anos. Há duas semanas, o cantor, e suposto homossexual pedófilo, fechou um acordo com o qual teria pago 20 milhões de dólares pelo silêncio do menino

PORSCHE E ROLEX — A seqüência de casos esdrúxulos, com sua capacidade de galvanizar a opinião pública naturalmente já tem seus teóricos. "No fundo as pessoas se envolvem porque gostariam de viver situações mais excitantes", analisa Anthony Chan, professor de Estudos sobre a Televisão da Universidade de Washington. "Assistir aos julgamentos pela TV é um jeito de driblar a chatice da vida cotidiana." O interesse é tanto que sustentou a criação de um canal de televisão totalmente dedicado à cobertura de julgamentos, o Court TV. O canal ainda não deu lucro, mas já conquistou 14 milhões de assinantes.

Desde que entrou no mercado, o canal a cabo já transmitiu o julgamento de William Kennedy Smith por estupro e o de Jeffrey Dahmer, o Canibal. "O fascínio dos americanos por julgamentos existe há séculos", diz Stephen Hess, especialista em imprensa da Brookings Institution. "Hoje, graças à televisão, temos acesso aos tribunais. O drama da vida real é muito mais interessante do que as telenovelas." Em qualquer cidadezinha americana, os tribunais sempre se enchem de espectadores, geralmente aposentados que não têm mais o que fazer. Nos casos mais célebres, formam-se filas nas portas, como no julgamento de Woody Allen em No-

ANEXO C - NOTA

PASSAR FÉRIAS EM NATAL

ACHOU TRÂNSITO UMA LOUCURA



As férias logo em Natal - só a janeiro

NATAL CIDADE DO SOL

ENTE QUE VIAJA POR PRAZER

ENTE QUE VIAJA PARA O PRAZER

DATAS

MORRERAM: o ator americano **Telly Savalas**, 70 anos, universalmente conhecido como o policial Kojak, personagem central de um dos seriados de TV de maior audiência nos anos 70. Filho de pais gregos, Aristotle Savalas apareceu pela primeira vez de cabeça raspada no filme *A Maior História de Todos os Tempos*, de George Stevens, e o visual foi aproveitado para a série *Kojak*, em que interpretava o detetive cínico, humano e simpático, sempre chupando um pirulito, que o marecou até o fim da carreira. Dia 22, de câncer na próstata, em Los Angeles.

■ o ator francês e diretor de teatro **Jean-Louis Barrault**, 83 anos. Durante cinquenta anos, Barrault dirigiu uma das mais dinâmicas companhias de teatro da França, sempre ajudado pela mulher, a atriz Madeleine Renaud. Integrante da Comédie Française, seu estilo misturava mímica, pantomima e teatro clássico. Transformou-se na própria imagem do teatro francês. Barrault esteve no Brasil três vezes, entre as décadas de 50 e 60, encenando peças de Molière e Claudel. Dia 22, de ataque cardíaco, em Paris.

■ o cabeleireiro paulista **Antonio Carlos Camizão**, de 55 anos. Profissional conhecido, Antonio Carlos, como se fazia chamar, foi encontrado morto no andar de cima do seu salão, no bairro dos Jardins, em São Paulo. O corpo, em estado de decomposição, seguiu para o Instituto Médico-Legal para autópsia e exame toxicológico. Há três anos, o cabeleireiro quase foi morto por garotos de programa. O laudo médico será divulgado na próxima semana. Dia 21, de causa ainda não identificada, em São Paulo.

NASCEU: **Igor**, filho do cantor sertanejo Zezé de Camargo, 27 anos. O pai soube da notícia nos Estados Unidos, quando gravava um clipe ao lado de Luciano, seu parceiro musical, e do cantor country Willie Nelson. Zezé já está no Brasil, em companhia da mulher, Zilu, e do bebê. Dia 27, em São Paulo.

ENVIADA: para a Comissão Nobel da Noruega, a indicação do sociólogo **Herbert de Souza**, o Betinho, de 58 anos, ao Prêmio Nobel da Paz de 1994.

Savalas: o detetive Kojak da TV morre aos 70 anos

A indicação foi feita via fax pelo presidente Itamar Franco e surpreendeu o governador de São Paulo, Luiz Antonio Fleury Filho. Um dia antes, Fleury havia anunciado que iria procurar a comissão com o mesmo intuito. Há um ano Betinho comanda a Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, popularmente conhecida como a Campanha contra a Fome. Dia 28, através da Embaixada da Noruega, em Brasília.

ANUNCIADOS: um acordo financeiro entre **Michael Jackson** e a família do garoto **Jordan Chandler**, de 14 anos, que acusa o popstar americano de tê-lo molestado sexualmente durante um relacionamento que durou vários meses. A denúncia do menino veio a público no ano passado, durante a turnê mundial de Jackson, detonando um escândalo que o levou a cancelar vários shows internacionais e passar várias semanas escondido em clínicas inglesas e americanas, alegando uma dependência de analgésicos. As cifras foram mantidas em segredo, mas especula-se que podem ir de 5 a 30 milhões de dólares, a ser pagos ao longo de dez anos à família Chandler. Teoricamente, o acordo encerra o processo civil, mas não o criminal. Como um menor de idade, contudo, não pode ser obrigado judicialmente a depor nesses casos, considera-se que Michael Jackson se safou dos problemas com a lei. Dia 21, em Los Angeles.

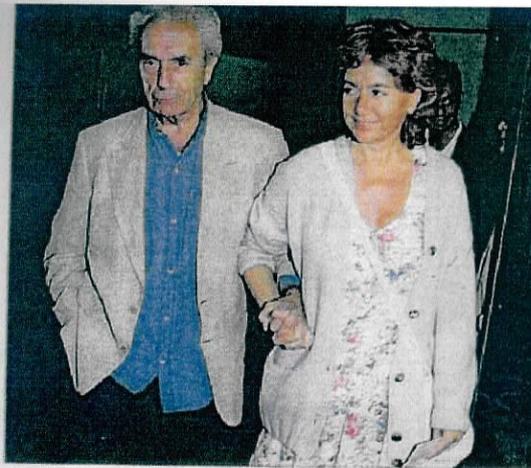
■ a segunda gravidez da princesa **Stéphanie** de Mônaco, 28 anos. Em 1992, a filha mais nova de Grace Kelly decidiu viver com um dos seus guarda-costas, Daniel Ducruet, 30 anos, com quem teve um filho, Louis Robert, hoje com 14 meses. O arcebispo do principado de Mônaco, Joseph Sardou, pede que a princesa e Ducruet se casem o mais rápido possível. Dia 27, em Mônaco.

LIBERTADA: a empresária americana **Leona Helmsley**, dona de uma grande cadeia de hotéis de luxo nos Estados Unidos. Acusada de sonegar 1,7 milhão de dólares em impostos, Leona deveria cumprir 32 meses de prisão mas foi beneficiada pela redução de pena. Sua reclusão foi de 21 meses. Dia 26, em Nova York. ■



REPÚBLICA FRENCH PRESS

ANEXO D – NO CIRCO DAS APARÊNCIAS



Antonioni e sua mulher, Enrica: só roupas tropicais

ANTON 77-
O cineasta que entrou em fria

O cineasta italiano **Michelangelo Antonioni**, 81 anos, tinha duas expectativas quando desembarcou em São Paulo, na semana passada, numa escala para participar do Festival de Cinema de Gramado. Queria conferir a beleza da mulher brasileira e encontrar um clima mais ameno do que o de Roma, onde nesta época os termômetros chegam a marcar 35 graus. Não se sabe o que achou das mulheres locais, mas para um italiano chegado em saia o melhor é ficar em

Roma porque as italianas são belíssimas e bem mais chiques. Quanto ao clima ameno, no dia em que chegou São Paulo tiritava sob um frio de 8 graus. O cineasta Walter Hugo Khouri, seu cicerone no Brasil, estava em pânico: ele havia aconselhado o amigo a trazer apenas roupas tropicais. Antonioni veio com a mulher, Enrica, seu braço direito desde que ele sofreu um derrame cerebral em 1986 e tem dificuldades para falar e andar.



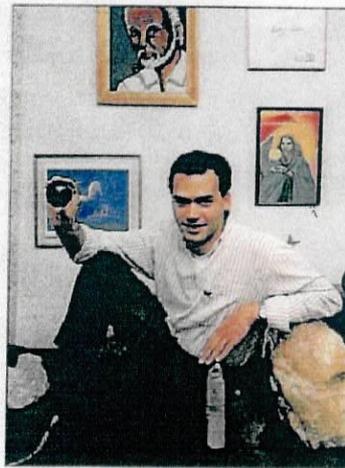
Tônia: 6 quilos a menos

Espeelho, espelho meu

TONIA 77-
 A bisavó **Tônia Carrero**, 7 anos, soube que havia na praça um novo método de rejuvenescimento e não vacilou: zai-pou para um spa em Gramado na serra gaúcha. Com ginástica e dieta de faquir emagreceu 6 quilos em dez dias. "Faça qualquer sacrifício para ficar mais bonita", ela admite. Em setembro, a atriz aparece — mais leve — pelos palcos gaúchos e paranaenses, na peça *Ela É Bárbara*, um sucesso que já passou pelo Rio de Janeiro e São Paulo. Não não! Não tem cena de biquini ou coisa parecida. Tônia é apenas uma bisavó vaidosa.

Duelo agita a bruxolândia

BRUXO 77-
 Tempo quente na contraria dos bruxos: em seu primeiro livro, o mago carioca **Francisco de Bostron**, 27 anos, fez uma dedicatória a seu colega Paulo Coelho, mas este não gostou da homenagem e pediu para que seu nome fosse retirado das edições seguintes. O episódio seria esquecido se Bostron não tivesse transformado *O Mago dos Cristais* num best-seller na Espanha, com 30 000 exemplares vendidos. O livro está saindo agora no Brasil, e Bostron, surpreso com a vaidade de Coelho, apela para a corte celestial. "Vamos evocar os deuses e salve-se quem puder", desafia.



Bostron: evocando os deuses

JACK 77-V
No circo das aparências

Na semana passada, após dois meses de boatos, o casamento do astro pop **Michael Jackson**, 35 anos, com **Lisa Marie Presley**, 26 anos, filha e herdeira de Elvis Presley, foi oficialmente confirmado pela noiva — ele aconteceu mesmo no dia 26 de maio passado perto de Santo Domingo, capital da República Dominicana. É um casamento estranho. Em agosto do ano passado, o pai do menino Jordan Chandler, à época com 13 anos, abriu um processo na Justiça contra Jackson, acusando-o de molestar sexualmente o filho. O cantor teria se valido de sua amizade com o menino para obrigá-lo à prática de masturbação e sexo oral. Nos meses seguintes, surgiram várias testemunhas de que Michael Jackson costumava convidar meninos à sua casa, fotografava-os nus, dormia com eles e os escondia nas dependências de empregados quando algum parente o visitava. Agora Jackson tem uma esposa. Pode ser para valer. De qualquer maneira, é muito conveniente.

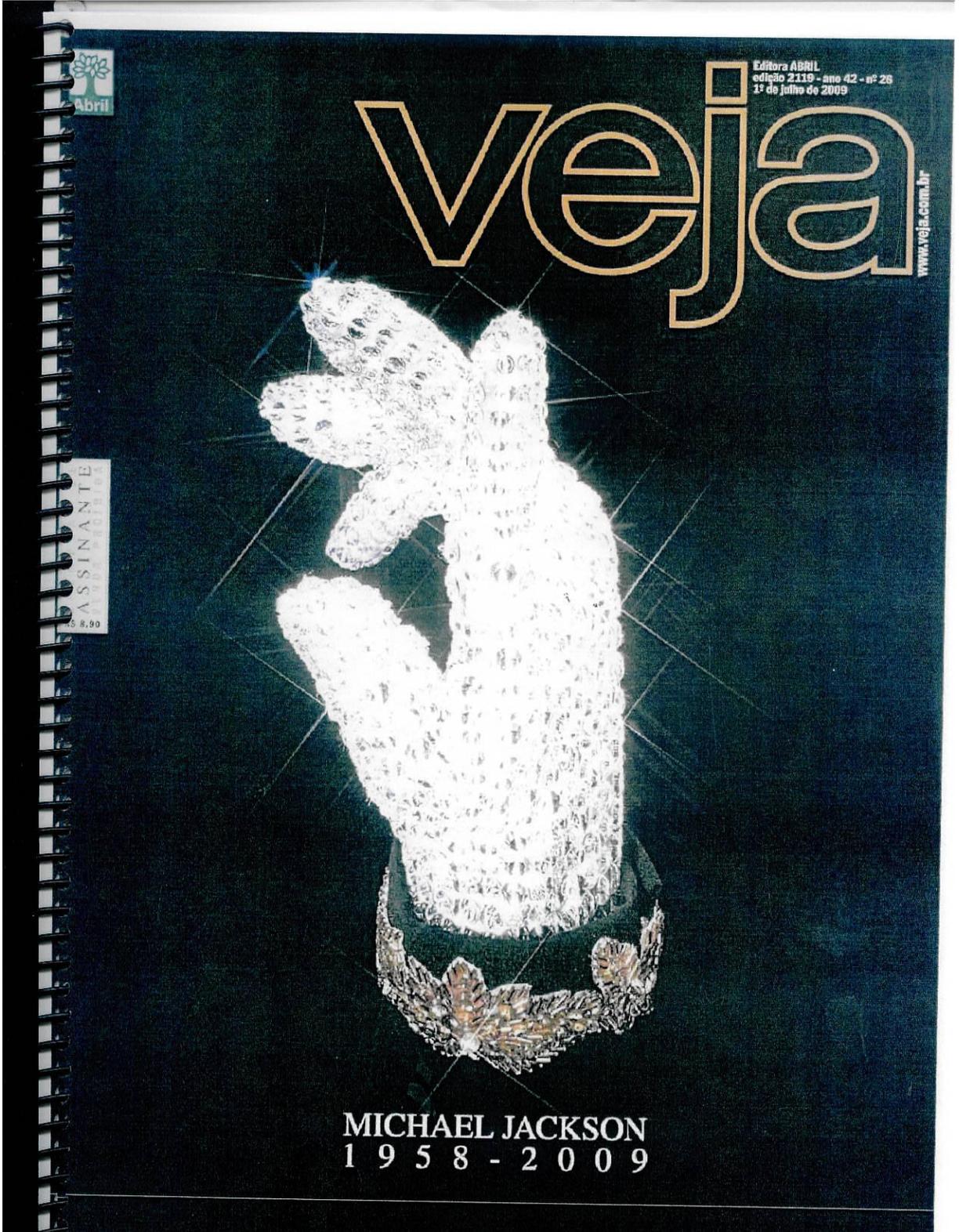


Lisa: casório confirmado



Jackson: salvando a imagem

ANEXO E – GRANDE REPORTAGEM



MICHAEL JACKSON
1958 - 2009

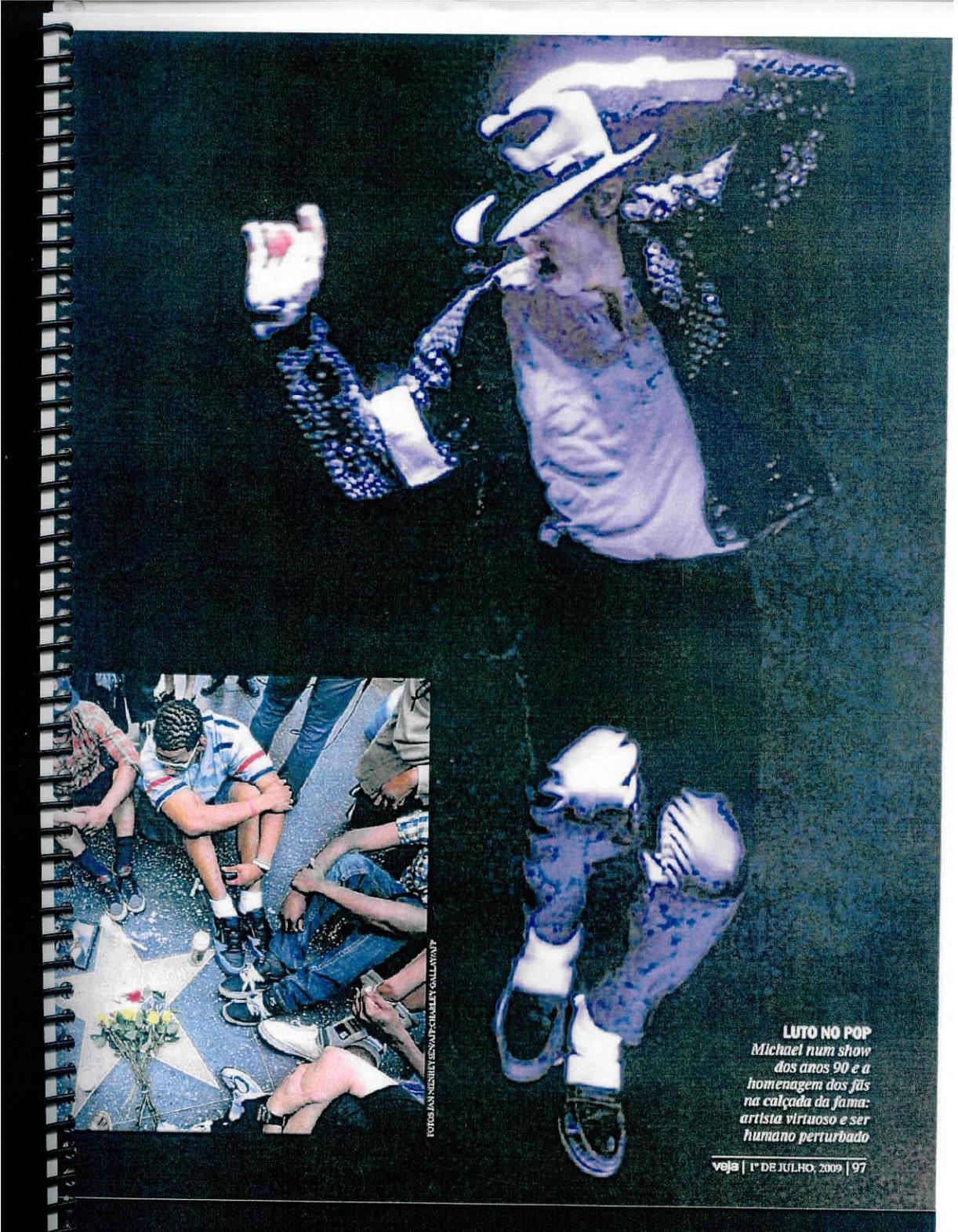
Michael Jackson

UMA LENDA ENVOLTA EM MISTÉRIO, DENTRO DE UM ENIGMA

A música popular americana deu origem a três ídolos incontestáveis no século passado. Frank Sinatra foi... Frank Sinatra. Elvis Presley foi a cintura e o topete do rock. Michael Jackson, o terceiro, inventou a música pop — e não há exagero nessa afirmação. Ele derrubou uma das últimas barreiras que restavam entre brancos e negros nos Estados Unidos, desde o movimento dos direitos civis nos anos 60. Em vez de música para brancos e música para negros, agora havia sua fusão revolucionária de duas tradições. Jackson elevou formas de dança das ruas à categoria de arte. Assombrou com seu estilo extravagante de se vestir, que definia, afinal, o que é um ícone pop: alguém que vive em um mundo em que as únicas regras a seguir são as próprias regras. Vendeu 750 milhões de discos, 100 milhões deles de *Thriller*, o álbum de maior sucesso da história da discografia mundial. Na quinta-feira passada, Michael Jackson morreu, aos 50 anos, depois que seu médico e os paramédicos de Los Angeles falharam em ressuscitá-lo de uma parada cardíaca. Estava longe dos palcos havia anos. Era visto como a personificação das deformações que a fama é capaz de imprimir, até mesmo fisicamente, em quem vive dela. Numa paráfrase da frase célebre de Winston Churchill, Jackson continuará sendo uma lenda envolta em mistério, dentro de um enigma. No momento de sua morte, contudo, voltou a ser o que foi na maior parte da vida: um ícone.



SÉRGIO MARTINS



FOTOGRAFIA: JEFFREY MAYER / GALLERYP

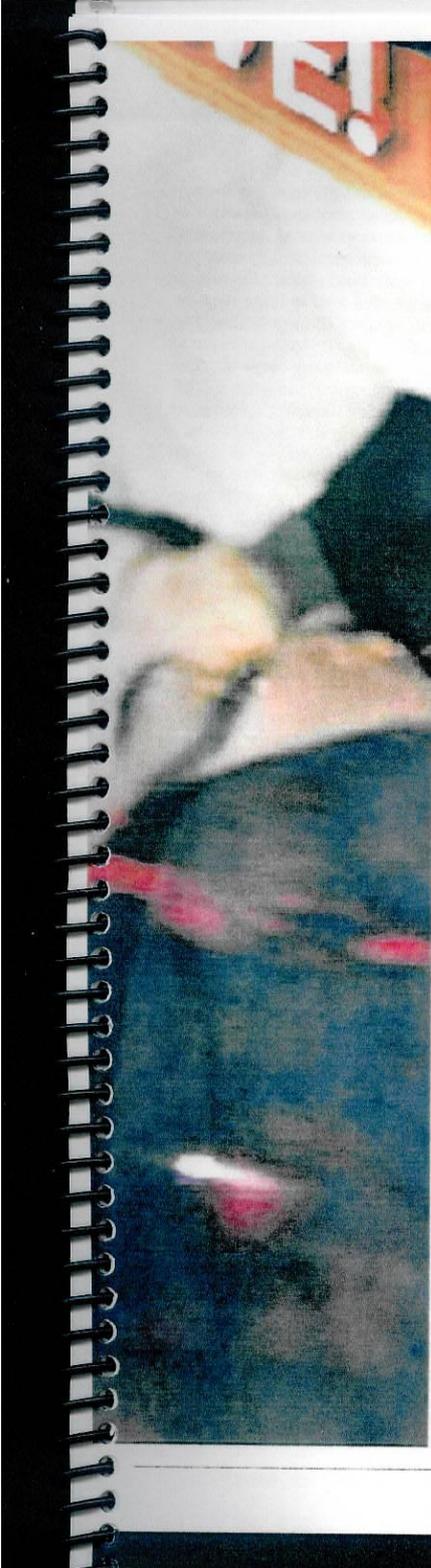
LUTO NO POP
Michael num show dos anos 90 e a homenagem dos fãs na calçada da fama: artista virtuoso e ser humano perturbado

Michael Jackson

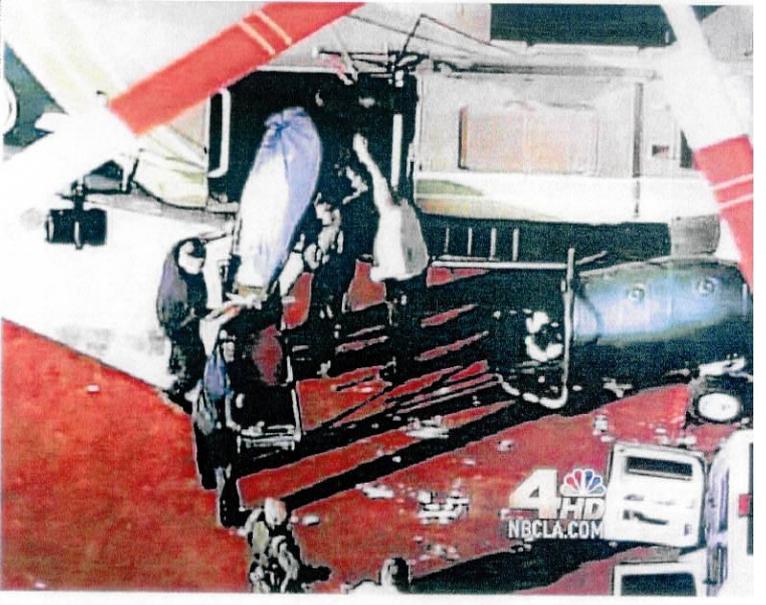
O cantor foi socorrido na mansão alugada onde vivia em Los Angeles por volta das 12h20 da quinta-feira. Jackson havia recebido os primeiros cuidados de seu médico particular, Conrad Murray (figura que logo se tornou uma incógnita: ele teve seu carro apreendido pela polícia, que queria interrogá-lo mas não o encontrava; em seguida, veio à tona que onze dias atrás o médico havia anunciado seu desligamento da profissão). Paramédicos o encontraram sem respiração e sem pulso. Levaram-no, em estado de coma, para o hospital da Universidade da Califórnia, a poucas quadras. Mal haviam chegado e a notícia de sua morte iminente — finalmente declarada às 14h26 — já causava comoção global. O tráfego do serviço de microblogs Twitter dobrou. O Google entrou em pane, tantas as buscas. O serviço de mensagens instantâneas da AOL também sofreu um colapso nos Estados Unidos. O iTunes e a Amazon, as maiores lojas virtuais de música do mundo, registraram um aumento extraordinário nas vendas de discos e canções de Jackson. No caso da Amazon, o volume de vendas cresceu meríveis 700 vezes.

A causa exata da morte só deverá ser conhecida em quatro a seis semanas, quando serão divulgados os resultados de sua autópsia. Mas informações vindas de parentes e amigos do cantor sugerem que Jackson vinha abusando de analgésicos potentes. Segundo aventou na sexta-feira o canal de fofocas TMZ, entre eles estaria o demerol, um opiáceo sintético de ação similar à da morfina. Jackson teria tomado uma injeção poucas horas antes da parada cardíaca. Na classe dos opiáceos, só a heroína causa mais dependência que a meperidina, como é chamado o princípio ativo do demerol. Nas primeiras doses, o efeito dura de seis a oito horas. "Se ele for consumido todos os dias, bastam duas semanas para o efeito do medicamento durar a metade disso", diz Irimar de Paula Posso, anestesiológica do Hospital das Clínicas de São Paulo. A parada respiratória ocorre porque o medicamento diminui a sensibilidade das células do sistema nervoso central que regulam a respiração — a qual vai diminuindo, até causar sonolência. A falta de oxigênio, então, pode culminar em colapso do coração. O cantor começou a usar remédios para a dor em





ESP. APRETIKAS



SOC. HILKES PERUS



HILKES PERUS



MORTE SÚBITA Michael Jackson embudo (foto maior à esq.), o embarque do corpo no helicóptero rumo ao departamento de medicina legal de Los Angeles (acima), a chegada da mãe ao hospital (à esq.) e a irmã La Toya em prantos: ele sorri de cena após o fim de uma temporada de cinquenta shows

Michael Jackson

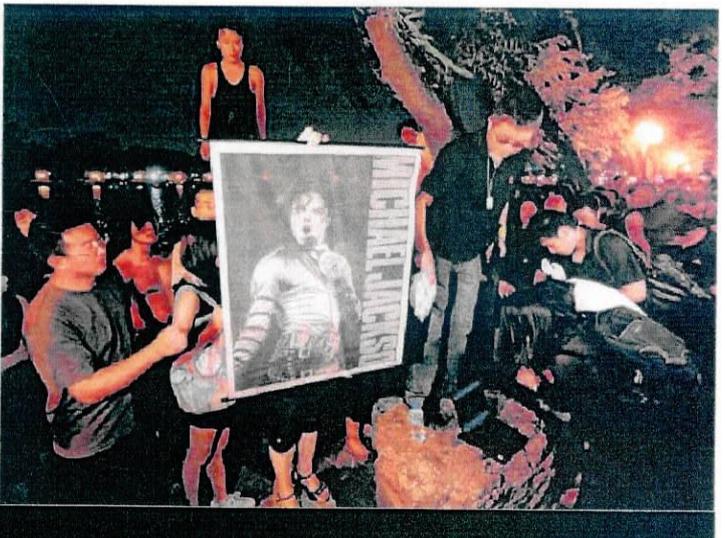
meados dos anos 80. Desde então, teria se tornado dependente deles. Nos últimos tempos, Jackson os estaria tomando em razão de uma lesão numa vértebra e de dores nas pernas produzidas pelo excesso de ensaios: depois de vários anos sem fazer shows e da longa reclusão que se impôs desde que foi absolvido da acusação de abuso sexual de um garoto, em 2005, o cantor estava prestes a retornar ao palco. No próximo dia 13, daria início a uma temporada de cinquenta apresentações em Londres.

No início da década de 80, momento de explosão de Jackson, nem nos confins do planeta se encontraria um adolescente que não tivesse se arriscado a imitar o quase impossível moonwalk, a dança que ele inventou ao fundir a suavidade dos passos de Fred Astaire à agressividade dos dançarinos de break, ou suas coreografias sensacionais, profundamente estilizadas — como aquela mão na virilha que era, ao mesmo tempo, erótica e uma paródia do erotismo. Hoje, não se encontra em lugar nenhum artista pop que não dance no palco à maneira de Jackson: como uma declaração criativa que avança por territórios e sentidos aos quais a letra e a melodia não chegam. Mas essa foi apenas uma das revoluções de Jackson.

As imagens de *Thriller*, catorze minutos que sempre pareciam curtos demais, cravaram o videoclipe como a forma essencial de veicular uma música e ajudaram a tornar a MTV uma força decisiva entre o público jovem. E o público jovem (com a ajuda decisiva de Walter Yetnikoff, então presidente da CBS, que ameaçou tirar todos os artistas da companhia da MTV caso ela não exibisse *Thriller*) obrigou a emissora, que antes torcia o nariz para artistas de música negra, a abrir sua programação para eles. Hoje, o rap e o rhythm 'n' blues (R&B) são os estilos hegemônicos na emissora.

Jackson desenhou ainda o mapa de comportamento do fone pop para as décadas seguintes: o artista inacessível que, com suas esquisitices e demandas, causa frenesi entre os paparazzi, aumenta a circulação dos tabloides e leva seus assessores e contratantes à loucura. Pop star que se preze, hoje — e a lista vai de astros "normais" como Madonna, Justin Timberlake e Mary J. Blige a "excêntricos" do quilate de Mariah Carey e Britney

100 | 17 DE JULHO, 2009 | veja





POR QUE ELE FOI GRANDE

MÚSICA

Com ela, a música negra tornou-se a força dominante no pop. O artista mais bem-sucedido de hoje — Justin Timberlake, um branco — ainda bebe de sua fonte



BEATRIZ KESSELMAN

MODA E ESTILO

Seu visual foi moda nos anos 80. Depois disso, o que sobressaiu foi sua excentricidade. Mas os brilhantes e o ouro de suas luvas e casacos tornaram-se parte do vocabulário da alta-costura — até mesmo em desfiles deste ano, de grifes como Louis Vuitton



BEATRIZ

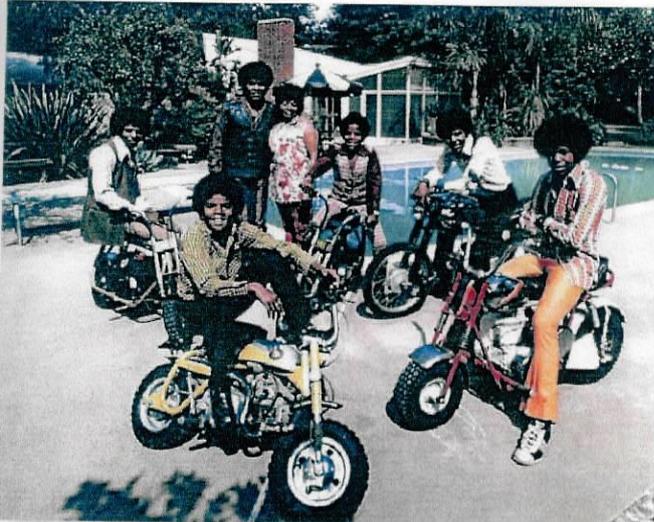
GLOBALIZADO

Em sentido anti-horário, fãs choram a morte do cantor em Pequim, Londres, Los Angeles e Moscou; a comoção mundial provocou pane ate no Google

DANÇA

Depois de Michael Jackson, ser um bom dançarino tornou-se imperativo para qualquer astro masculino da música pop. Inspirando-se no break, uma dança de rua, ele inventou seu próprio estilo no começo dos anos 80 — o moonwalk. O uso que Jackson fez de mocassins pretos com meias brancas — em tese, um pecado fashion — era uma homenagem ao uniforme dos bailarinos

Michael Jackson



BOB LANGRISH/RETNA/GETTY IMAGES

TALENTO PRECOCE O cantor (em primeiro plano), com os pais e os irmãos nos tempos do Jackson Five: sucesso e traumas em família

Spears — reza pela cartilha escrita por Jackson. Em uma reflexão que só pode ser feita a posteriori, Jackson foi ainda um exemplo definitivo do *soft power*, ou a tração que um país exerce por meio de conceitos e ideias. Na primeira parte da década de 80, a economia americana estava às voltas com um dado novo e desconcertante: a ascensão esmagadora do Japão como potência industrial — e dono de uma indústria não mais imitadora, como antes, mas criadora. A Sony japonesa lançou, nesse período, um ícone cultural tão poderoso quanto o próprio *Thriller*: o walkman, acessório que inaugurou a era da portabilidade da música. Mas os Estados Unidos, se não inventaram o aparelho, tinham a música que se ouvia nele — a de Michael Jackson.

E aí, claro, está a questão crucial para entender Jackson ou qualquer outro artista capaz de alcançar a longevidade na carreira: a música, o epicentro do qual irradiam todos esses tremores culturais e comportamentais. Em razão do aparato industrial e mercadológico que cerca os pop stars, é comum que se pinte com tintas ideológicas a sua existência, acusando-os de serem fabricações. Alguns o são. Outros trazem para o cenário artístico um talento verdadei-

ro e uma capacidade real de inovação. Descartar Madonna ou Justin Timberlake como “produtos” é só uma forma de não compreendê-los, nem ao mundo em que vivemos; categorizar Jackson como uma fabricação seria um equívoco ainda mais completo.

Ele de fato criou o pop. Até a década de 70, a música jovem se dividia em dois nichos distintos. Havia o rock e suas variações, consumidos principalmente por adolescentes brancos e de classe média. E havia a música negra — soul, funk, disco, rhythm'n'blues — que era ouvida por negros. Jackson quebrou essa barreira em discos como *Off the Wall*, de 1979, e *Thriller*, de 1982, e borrou para sempre a linha que separava os dois universos. Nesses discos, o cantor talhou as linhas de baixo e bateria na medida para as pistas de dança; mas associou-as à vibração caracte-

OS ALTOS E BAIXOS DE MICHAEL

(em número de cópias vendidas)



1 milhão

BEN — 1972

Segundo disco do cantor, ficou marcado pela música-título — a primeira de sua carreira-solo a alcançar o topo nas paradas americanas



20 milhões

OFF THE WALL — 1979

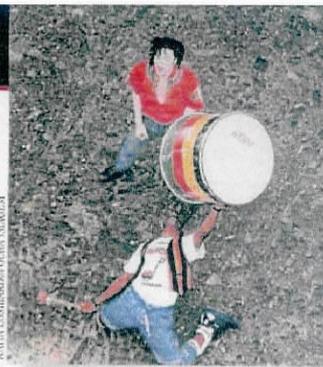
É o momento em que ele se descola dos irmãos e da imagem de artista juvenil. Em sintonia com os tempos da discoteca, é um álbum adulto e dançante

100 milhões



THRILLER — 1982

É o auge de Michael. Com hits como *Billie Jean* e *Beat It* — além, claro, da faixa título —, o álbum deu início à “jacksonmania”: todos queriam dançar e se vestir como ele



PAULA LAMBOLETTI/REUTERS/CONTOUR



REUTERS/CONTOUR



BAD
MICHAEL JACKSON

BAD – 1987

Coincisa com os primeiros sinais de plásticas e descoloração da pele. A partir de seu lançamento, as pessoas começam a prestar mais atenção no personagem Michael que em sua música

30 milhões

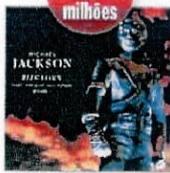
32 milhões



DAINGEROUS – 1991

Apesar de saudado como "rei do pop", ele tem dificuldade em acompanhar as novas tendências da música negra, trazidas pelo rap e pelo hip hop

20 milhões



HIStory: PAST, PRESENT AND FUTURE – 1995

A coletânea é uma tentativa desesperada do cantor de demonstrar que ainda tem alguma relevância musical. Imerso em esquisitices, manda espalhar estátuas suas pelos quatro cantos do mundo

10 milhões



REUTERS

ONIPRESENÇA Michael Jackson gravando videoclipe no Pelourinho, em Salvador (no alto), num jantar com Madonna (no centro) e recebendo homenagem de Britney Spears no Madison Square Garden, em Nova York: ele faz questão de oxentar o celteto de "rei do pop"

Michael Jackson

rística do rock'n'roll. Até mesmo as origens de um fenômeno social notável entre os jovens americanos, o dos adolescentes brancos que querem falar, dançar e agir como negros, podem ser traçadas diretamente à sua influência.

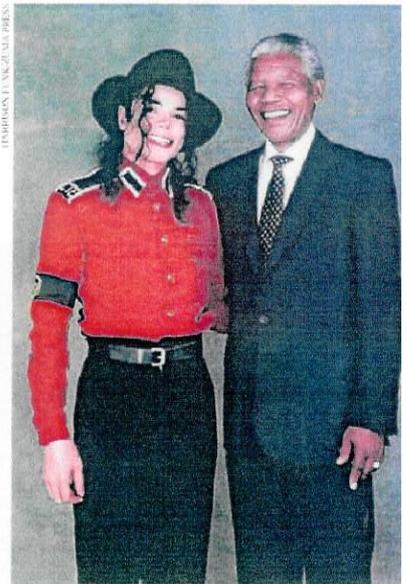
Descontado Stevie Wonder, que lançou o primeiro disco aos 12 anos, mas cujo apelo nunca residiu no magnetismo ou na dança, Michael Jackson foi o primeiro grande ídolo mirim da música. Nasceu em 29 de agosto de 1958 em Gary, no estado de Indiana, desde cedo ele mostrou talento para o canto e a dança. Seu pai, Joseph, que havia tentado a carreira num grupo de rhythm'n'blues, percebeu logo o talento de Michael, bem como de seus outros filhos. Transformou-os no Jackson Five, que ensaiava exaustivamente. Em 1968, o grupo foi contratado pela gravadora Motown, a referência mítica da música negra. A audição do Jackson Five para Berry Gordy Jr., fundador e presidente da Motown, deixa claro que a estrela ali era Michael. No vídeo remanescente do teste, ele canta *I Got the Feelin'*, de James Brown, e encarna todos os trejeitos do astro do funk — mas com graça própria.

Ao se lançar como artista-solo, em 1971, Jackson já havia aprendido muito sobre composição e produção musical. Teve a sagacidade de, pouco depois, aliar-se ao produtor Quincy Jones, que havia feito carreira no mundo do jazz. Eles colaboraram nos álbuns *Off the Wall*, *Thriller* e *Bad*. Jackson não era ainda o recluso das últimas décadas, mas um artista curioso e vivo. Muitos dos ritmos presentes nesses trabalhos nasceram de suas idas às discotecas, e suas letras vinham repletas das angústias de um rapaz da sua idade. Até 1996, ano em que foi ao Morro Dona Marta, no Rio de Janeiro, e ao Pelourinho, em Salvador, para gravar o clipe de *They Don't Care about Us*, Jackson ainda vivia no mundo real. Cada vez mais, porém, ia sendo dominado pelo lado obscuramente infantilizado de sua personalidade, que o levaria, a certa altura, a se isolar em sua bizarra propriedade de Neverland — ou Terra do Nunca, em referência ao lugar em que vivia Peter Pan, o garoto que não queria crescer. Esse Jackson aberrante e patético encobriu o totem da revolução pop. Mas, com a sua morte, ele renasceu.

104 | 1º DE JULHO, 2009 | veja



SOFT POWER O cantor recebido na Casa Branca por Ronald e Nancy Reagan (no alto), com Bill Clinton e a filha Chelsea, ao lado de Nelson Mandela (à dir.) e com a princesa Diana (abaixo); símbolo do exercício do poder pelos Estados Unidos por meio da cultura



JACK KRITLING/REUTERS/ALFRED EICHTENAUER/GETTY IMAGES

PETER FURNIVALL/REUTERS/ATNS/REX

TIMOTHY L. ANGE/ALAMY

QUEEN STRAIN/REX USA

ANEXO F – MEMÓRIA

2009 Memória

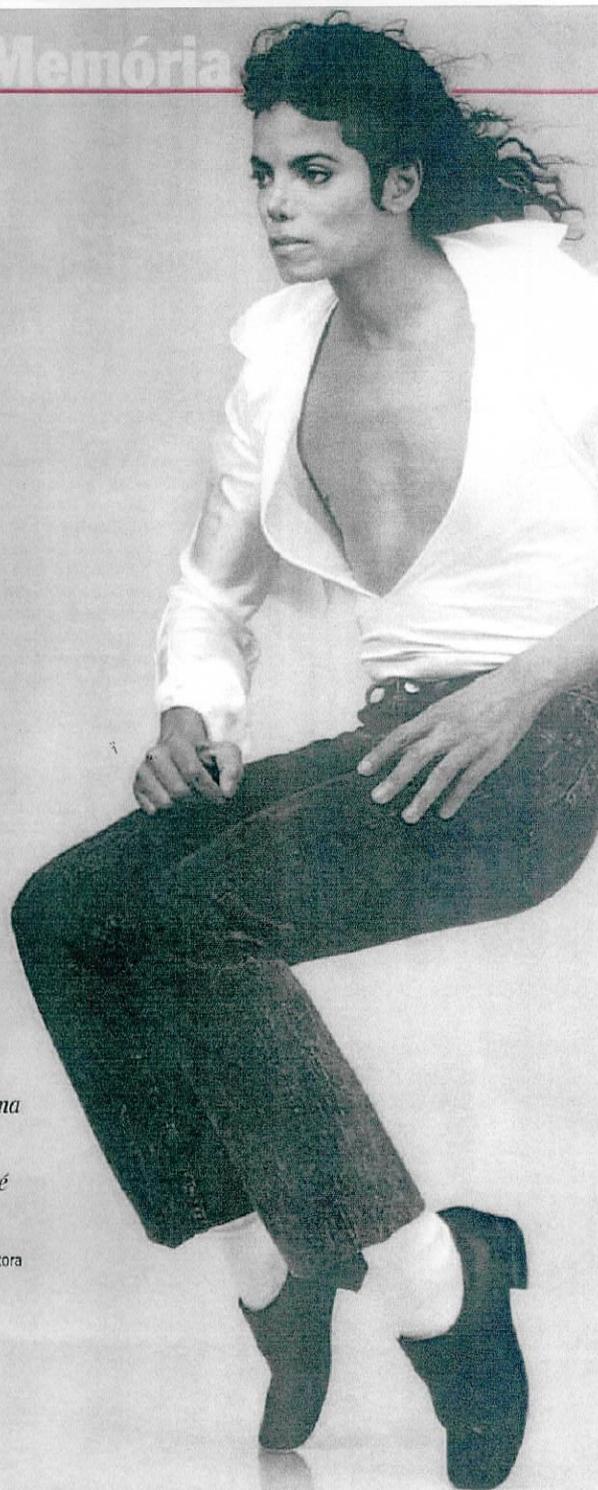
Michael Jackson

50 anos, cantor

Para encontrar o sucesso, Michael Jackson teve de perder a infância. Seu pai era um músico frustrado que decidiu adestrar os filhos para ganhar dinheiro no showbiz. Assim nasceu o conjunto Jackson Five, nos anos 60, composto de quatro meninos incríveis e um extraordinário: Michael. Sua voz aguda e afinadíssima, emoldurada por um jeito de dançar que o fazia uma espécie de Fred Astaire da música negra, o projetou ao estrelato. Na década seguinte, ele iniciou carreira-solo, gravando músicas que entraram para as antologias de clássicos *disco*, como *Off the Wall*. Mas foi nos anos 80 que Michael se tornou rei, imperador, soberano absoluto, com o álbum *Thriller*, que atingiu a marca não superada de 100 milhões de cópias vendidas ao redor do mundo. Com *Thriller*, ele pulverizou a fronteira entre música negra e rock branco. Com *Thriller*, ele revolucionou a linguagem do videoclipe. À medida que a fortuna aumentava, no entanto, sua personalidade se desintegrava. Michael desfigurou seu rosto com uma série de cirurgias plásticas, clareou toda a pele — de negro, tornou-se branco —, num procedimento até hoje cercado de mistério. Cada vez mais esquisito, transformou sua casa, batizada de Neverland (Terra do Nunca, em referência a Peter Pan, o garoto que se recusa a crescer), num parque de diversões. Depois de admitir que convidava crianças para dormir em seu quarto, enfrentou processos por pedofilia. No fim da vida, havia acumulado dívidas de 500 milhões de dólares e estava viciado em remédios. Tentou, enfim, achar a infância, sacrificando o sucesso. (em junho)

“Sua música tinha uma camada extra de uma magia inexplicável, que não fazia somente você querer dançar, mas acreditar que podia voar, sonhar e ser o que você quisesse ser — é isso que os heróis fazem, e Michael Jackson era um herói.”

MADONNA, cantora



Claude Lévi-Strauss

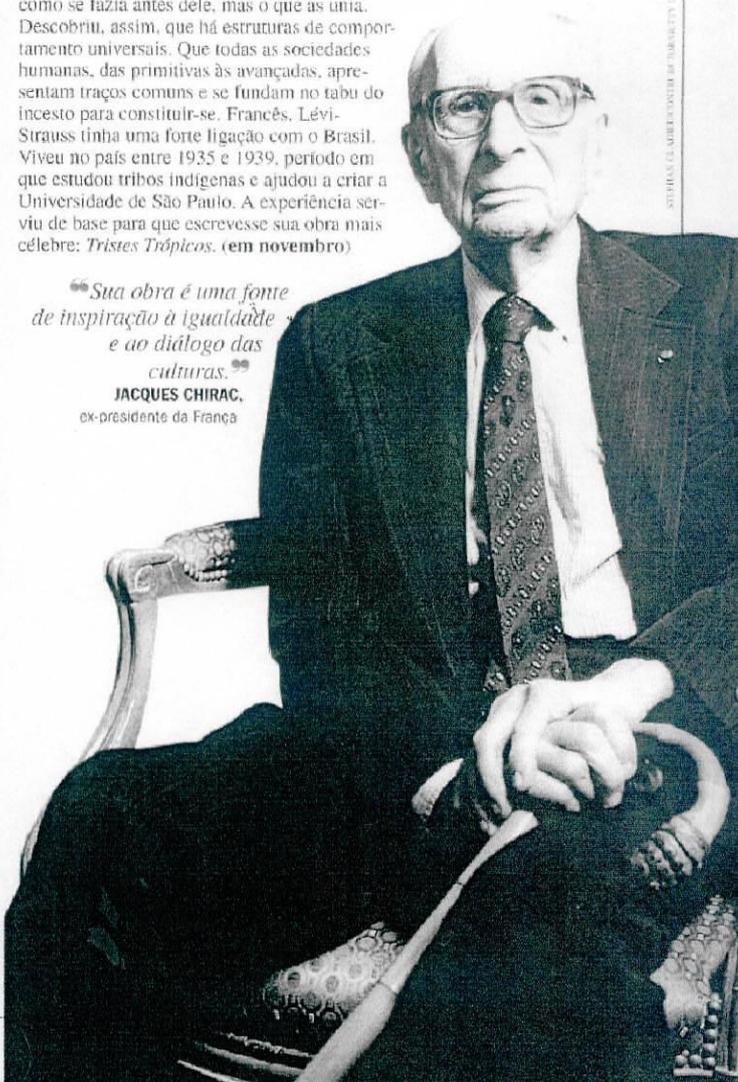
100 anos, antropólogo

Ele fez parte daquela raríssima classe de homens que podem ser chamados de sábios. Seu grande legado foi a refundação da antropologia. Claude Lévi-Strauss revolucionou essa ciência ao comparar diferentes culturas — não buscando o que as distanciava, como se fazia antes dele, mas o que as unia. Descobriu, assim, que há estruturas de comportamento universais. Que todas as sociedades humanas, das primitivas às avançadas, apresentam traços comuns e se fundam no tabu do incesto para constituir-se. Francês, Lévi-Strauss tinha uma forte ligação com o Brasil. Viveu no país entre 1935 e 1939, período em que estudou tribos indígenas e ajudou a criar a Universidade de São Paulo. A experiência serviu de base para que escrevesse sua obra mais célebre: *Tristes Trópicos*. (em novembro)

“Sua obra é uma fonte de inspiração à igualdade e ao diálogo das culturas.”

JACQUES CHIRAC,

ex-presidente da França



STEFANO LAURENTI/AGF/RETNA IMAGES

ANGIE KUBITZ

